



РАНОЯМА

АМАРОНАЧ



[ME]

ΠΑΝΟΡΑΜΑ

ΑΜΑΡΟΝΑΡ

Descobrir fazendo:

exercícios de escrita criativa de “Literatura francesa I: Panorama” (2020.1)

Organizado por

Ana Cláudia Romano Ribeiro e Ghustavo Muniz





Apresentação

Ensinar literatura de língua francesa em tempos de pandemia: um breve relato

Ana Cláudia Romano Ribeiro¹

O dossiê *Descobrir fazendo: exercícios de escrita criativa de "Literatura francesa I: Panorama" (2020.1)*, organizado por mim e por Ghustavo Muniz², monitor de Literaturas de Expressão Francesa que também cuidou do tratamento gráfico de todo o material, traz alguns exercícios de escrita criativa de alunos que cursaram a unidade curricular "Literatura francesa I: Panorama" no primeiro semestre de 2020.³

No campus Guarulhos da Universidade Federal de São Paulo, o primeiro semestre de 2020 começou, como previsto, no início de março, embora estivéssemos apreensivos com as notícias a respeito de um novo vírus em circulação. Lembro-me que nessa primeira semana de volta às aulas, nos corredores da Unifesp, algumas pessoas se abraçavam normalmente, mas outras hesitavam, certamente mais bem informadas. A partir da segunda semana de aula, no entanto, todos os trabalhos foram interrompidos e medidas sanitárias de distanciamento social revelaram-se imprescindíveis para conter a propagação do vírus. A pandemia estava se espalhando e logo se revelaria tão calamitosa e mortífera quanto os gestos negacionistas do governo federal.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou que o mundo estava vivendo uma pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus. Na Unifesp, as aulas da graduação foram suspensas a partir de 16 de março. Inicialmente planejada para quinze dias, a suspensão estendeu-se devido ao agravamento da pandemia, mas encerrou-se em 3 de agosto, quando as aulas da graduação do campus de Guarulhos foram retomadas, excepcionalmente, de maneira não-presencial, em regime de Atividades Domiciliares

¹ Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: acribeiro@unifesp.br. Orcid: 0000-0002-0923-3228.

² Graduando em Letras, habilitação Português-Francês, na Universidade Federal de São Paulo. E-mail: ghustavo.muniz@unifesp.br. Orcid: 0000-0002-6204-4653.

³ Publicamos neste dossiê apenas os exercícios, desenhos e demais artes visuais dos alunos que enviaram autorizações para publicação.



Especiais (ADE), e adaptadas a um semestre encurtado (de quinze para onze semanas letivas).⁴ Cada professor poderia reorganizar seu curso da forma que escolhesse, dentro de limites que foram posteriormente reunidos e apresentados na portaria 1109/2021.⁵

Como dar aulas em regime remoto? Na Unifesp, as aulas sempre foram presenciais, sempre se beneficiaram com as trocas presenciais nas salas de aula, nos corredores, na cantina, na quadra de esportes, no teatro e nos demais locais de interação social desse espaço tão propício ao diálogo que é a universidade. Pensar modos de adaptar cursos presenciais a esse novo regime foi um grande desafio por muitas razões, começando pela perda da dimensão da presença física dos corpos em um mesmo espaço compartilhado. No meu caso, mais especificamente enquanto professora de literaturas de língua francesa no Departamento de Letras, as perguntas principais que me coloquei foram as seguintes: Como manter, nesse regime remoto, o planejamento geral dos meus cursos de literatura, que é o de dar aulas que façam com que os alunos constituam um repertório de autores e obras de língua francesa? Como estabelecer trocas significativas em regime remoto? Que interações seriam possíveis, desejáveis e proveitosas para todas as pessoas envolvidas nesse processo? No regime presencial, eu costumava dar aulas expositivas que incluíam seminários feitos pelos alunos e interações baseadas na percepção olho-no-olho com os alunos (e, nesse caso, uma expressão facial ou corporal bastaria para suscitar uma conversa, uma risada, uma pergunta, um comentário). No regime remoto não me parecia possível replicar esse esquema, porque ele pressupunha uma pessoa falando durante muito tempo (a professora ou o aluno responsável pelo seminário) e as demais em posição passiva (ainda que em escuta ativa), invisíveis (no caso de câmeras desligadas) e sujeitas a dispersão (problemas de conexão, execução de outras tarefas ao mesmo tempo, variadas demandas concomitantes, etc).

Já que não havia um modelo didático pronto para reorganizar minhas aulas, tive que “descobrir fazendo” – essa foi a diretriz que guiou a reformulação dos meus cursos desde que

⁴ Foram e têm sido numerosas as ações da Unifesp a fim de enfrentar o novo cenário epidemiológico, pensar e implementar as ações necessárias à reorganização da vida acadêmica. Os resultados dos trabalhos do Comitê de Enfrentamento do Coronavírus da Unifesp podem ser consultados na página <https://coronavirus.unifesp.br/>.

⁵ A portaria que define e normatiza as atividades da graduação excepcionalmente em regime ADE pode ser consultada aqui: <https://www.unifesp.br/campus/osa2/noticias-eppen/1519-portaria-que-regulamenta-as-ade-dos-cursos-de-graduacao-no-primeiro-semester-de-2021>.



a pandemia se instaurou e, com ela, o regime remoto. “Descobrir fazendo” incluiu colocar-me na posição de “aluna de literatura” em regime remoto. Explico-me. A partir de 2015, comecei a frequentar algumas oficinas de escrita ministradas por escritores. Inicialmente presenciais, com a pandemia, essas oficinas passaram a acontecer online.⁶ Nelas, tomei contato com vários tipos de lida ativa e direta com a palavra e me dei conta de que isso poderia fazer parte da minha própria prática enquanto “professora de literatura”. Nelas, fui colocada no papel de uma leitora ativa de um modo muito específico: uma leitora que deve ler e ouvir concentradamente, deve destrinchar os mecanismos de funcionamento de um texto, pensar sobre um problema, um tipo de registro, uma visada, para depois realizar um exercício de escrita a partir do que foi lido e discutido ou a partir da prática de um ou mais de um mecanismo expressivo, repetindo-o, ampliando-o, reduzindo-o, adaptando-o, pensando efeitos, testando possibilidades e resolvendo problemas. Foi essa a inspiração para o planejamento da unidade curricular denominada “Literatura francesa I: Panorama”, no primeiro semestre de 2020.⁷

A novidade em relação à minha prática docente anterior foi a introdução dos exercícios de escrita e o compartilhamento e discussão coletiva dos resultados desses exercícios, de sua relação com os textos lidos e do que mais eles suscitassem. Também pedi que cada aluno compartilhasse seus exercícios com um colega, que deveria comentá-lo por escrito, mobilizando de outra forma a relação com o material proposto a cada semana. Todos os recursos (vídeos, textos, imagens, arquivos de som, etc) foram disponibilizados em uma sala de aula virtual do google: a cada semana, os alunos foram convidados a ler um texto literário curto em francês e, sempre que possível, em tradução⁸, previamente apresentado em uma

⁶ Até aquele momento, eu tinha cursado oficinas ministradas por Amílcar Bettega, Angélica Freitas, Paloma Vidal, Mayra Guanaes, Dirceu Villa, Carolina Fenati, Deise Abreu Pacheco e Ismar Tirelli Neto. Algumas dessas oficinas resultaram em parcerias. Com o Ismar, continuo a fazer encontros semanais para ler e escrever juntamente com Katia Maciel, Livia Flores, Consuelo Lins e Rodrigo Moretti. Juntos, formamos um grupo de poetas chamado Anáguas, que faz performances regularmente (arquivadas no youtube, no canal do coletivo) e que publicará seu primeiro livro em breve, pela Editora 7Letras (*Sol talvez seja uma palavra*). Com a Deise, publicamos semanalmente no instagram e no facebook a tirinha *A vida de Deise*, que em breve terá uma edição impressa, pela Hucitec.

⁷ Minha prática foi certamente inspirada por conversas anteriores à pandemia com colegas do curso de Letras da Unifesp que já incluíam a escrita criativa em seus cursos, como o Pedro Marques, a Paloma Vidal e a Leila Costa.

⁸ Disponibilizar os textos em versão bilíngue permitiu que alunos de outros cursos ou com pouco conhecimento de língua francesa pudessem frequentar as aulas, já que “Literatura francesa I: Panorama” é uma unidade curricular eletiva, ou seja, não é oferecida exclusivamente aos alunos de Letras – Português/Francês.



vídeo-aula em que eu lia em voz alta e comentava o texto em questão privilegiando sua literariedade própria, além de apresentar seu autor e seu contexto (algumas aulas foram gravadas em francês, outras misturando o francês ao português). Deixei à disposição dos alunos outros materiais, complementares e de consulta não-obrigatória (textos críticos, filmes, vídeos, entrevistas, etc), caso desejassem aprofundar-se no texto ou no autor da semana. Em seguida, os alunos deveriam produzir um análogo do texto lido (ou de uma parte dele) ou realizar um exercício que proporcionasse uma reflexão sobre um aspecto desse texto (os enunciados variaram, como pode-se ler abaixo). Na última etapa desse processo, os alunos eram convidados a compartilhar o exercício com a turma a cada semana, lendo em voz alta, para discussão coletiva em um encontro síncrono de uma hora de duração. Esse encontro era sempre gravado e depois acrescentado aos materiais da sala de aula virtual. Para obter aprovação na UC, cada aluno precisou entregar ao menos cinco exercícios e cinco comentários críticos a exercícios de colegas. Cada exercício entregue foi lido, revisado e comentado pela professora. Ao final do semestre fizemos um sarau, experimentando ler os textos produzidos em voz alta, com ou sem acompanhamento de instrumentos musicais e/ou outras vozes.

Dito de outro modo, reformulei meu curso para incluir no estudo da literatura de língua francesa a escrita criativa, de modo a favorecer o corpo a corpo com o texto literário e visando, por meio dessa prática, “tentar entender criticamente o outro”, retomando uma formulação de Ismar Tirelli Neto, cujas oficinas frequento assiduamente (2021, p. 25). Fez parte desse processo de ensino e de aprendizagem pensar, coletiva e individualmente, sobre a maneira pela qual cada um resolveu um enunciado em comum, sobre como cada um leu e interpretou um texto em comum, como entrou em diálogo com ele. Dito de outro modo, estudamos literatura interpretando, ouvindo, escrevendo e conversando com focos determinados.

Para que se possa entender mais precisamente o contexto dos exercícios reunidos neste dossiê, elenquei abaixo os textos escolhidos para a unidade curricular “Literatura francesa I: Panorama”. Como seu nome explicita, essa UC visa apresentar aos alunos textos variados de autores e de épocas variadas. Com isso, intenta-se que eles possam incrementar seu repertório, ampliar seus horizontes de leitura e, no caso deste semestre específico, intentou-se que, escrevendo criativamente, eles pudessem ampliar também seus horizontes



de escrita, refletindo conscientemente sobre os modos de ação da linguagem nos textos lidos e naqueles que eles mesmos criaram. Os enunciados dos exercícios propostos puderam ser realizados em francês, em português ou em ambas as línguas. Vale dizer que o objetivo da escrita foi experimentar, e não chegar a qualquer ideia de perfeição (gramatical, sintática ou outra) ou de domínio em relação ao uso da língua e seus recursos. A bibliografia citada e a bibliografia complementar indicada aos alunos encontram-se nas referências, ao final desta apresentação.

Texto 1: *Approches de quoi?*, de Georges Perec, foi disponibilizado no original e em duas traduções, “Abordagens de quê?”, de Zéfere, e “Aproximações de quê”, de Rodrigo Silva Ielpo.

Enunciado do exercício: Depois de assistir à vídeo-aula, leia o texto de Georges Perec, “Approches de quoi?” (“Abordagens de quê?”). Escolha um local no lugar onde você mora. Em seguida, vá a esse mesmo local por três dias, no mesmo horário, descreva-o e anote o que você vê acontecer neste lugar (ou o que não está acontecendo) durante cerca de 10 minutos. Escreva em prosa ou em verso, como quiser.

Texto 2: *Je me souviens*, de Georges Perec, foi disponibilizado no original e alguns trechos, em tradução publicada no blog atelierdearteeliteraturapotencial sem indicação do nome do tradutor.⁹ Também disponibilizamos alguns trechos de *I remember*, de Joe Brainard, que inspirou Perec, uma leitura de trechos de *Je me souviens* em francês¹⁰ e uma matéria sobre o livro *Memorando*, de Geraldo Mayrink e Fernando Moreira Salles, inspirado no de Perec. Como materiais complementares, foram indicados o site do Oulipo (oulipo.net) e o texto de Roubaud e Bénabou explicando o que é o Oulipo (2017), o artigo de Carneiro, “Restrições formais como revolução literária? Uma discussão sobre limites e deslimites das formas em literatura” (2017) e o de Zamorano, “L’infra-ordinaire: esquisse de la théorie narrative de Georges Perec” (2015).

⁹ <http://atelierdearteeliteraturapotencial.blogspot.com/2017/09/je-me-souviens-de-georges-perec-trechos.html>

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=TNhN77tyep8&t=1s>



Enunciado do exercício: Depois de assistir à vídeo-aula, ler pelo menos 25 itens *do Je me souviens* de G. Perce (p. 13-18) e escutar a gravação de alguns trechos em francês no youtube (citado acima). Dar uma olhada no *I remember* do Joe Brainard. Escrever 10 “Je me souviens” em francês e 10 em português. A lista pode ser a mesma ou diferente para cada língua.

Textos da semana 3: Inventários de François Villon, Roland Barthes, Robert Pinget e Sei Shônagon, estes traduzidos em francês por André Beaujard, agrupados no capítulo “Inventaries futiles” de *Petite fabrique de littérature* (DUCHESNE; LEGUAY, 1985). Foram disponibilizadas as traduções de Wilson Ribeiro Junior e de Ferreira Gullar para o poema de Villon e, como material complementar, o curta-metragem *Foutaises*, de Jean-Pierre Jeunet e o artigo de Turin, “‘J’aime, je n’aime pas’. Connivence entre Perce et Barthes” (2018).

Enunciado do exercício: Depois de assistir à vídeo-aula, leia o material desta semana e depois, a partir da lista que mais lhe agrada, escreva sua própria lista, em francês, português ou em versão bilíngue.

Texto 4: *Poèmes fondus*, de Michelle Grangaud, para os quais não há tradução em português. Os “poemas derretidos” são a redução de um poema em outro poema, mais curto. Segundo a autora, eles são uma “tradução de um poema em sua própria língua” (GRANGAUD, 1997, p. 3). Em seu livro *Poèmes fondus*, ela traduz sonetos de autores canônicos franceses em forma de haicai, sempre em língua francesa e usando exclusivamente palavras dos sonetos de partida. Foram indicadas as leituras dos verbetes “*Poème fondu*” e “Michelle Grangaud” do site oulipo.net, dos sonetos que Grangaud derreteu: : dos *Regrets*, de Joachim du Bellay, no original e em tradução, quando encontrada, o soneto 1, que tem tradução de Marcelo Diniz, 2, 3, 10 e 13, para os quais não encontramos tradução; e de Baudelaire, “*Correspondances*”, no original e em tradução de Helena Amaral, e “*Le chat*”, no original e na tradução de Jamil Almansur Haddad. Também indiquei a leitura do verbete “Soneto” do *E-Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia (CETAPS, 2009) e disponibilizei o artigo de Reggiani, “Être Oulipienne: contraintes de style, contraintes de genre?” (2016).



Enunciado do exercício: Depois de assistir à vídeo-aula, vá ao arquivo pdf “Poemas originários que Grangaud derreteu”, que tem alguns haicais dela, os sonetos de onde ela partiu para compor os haicais e, quando disponível, a tradução em português. Encontre as palavras dos haicais de Michelle Grangaud nos sonetos de onde ela partiu. Pense no tipo de escolhas que ela fez. Seguindo o mesmo procedimento, escolha 2 sonetos (em francês ou em português) e faça um haicai a partir de cada um deles (em francês ou em português - ou nas duas línguas).

Texto 5: Sonetos 2, 3, 7, 8, 9, 11, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 23 de Louise Labé em francês e em português, na tradução de Sergio Duarte. Como material complementar, indiquei a versão cantada de “*Baise m’encor*”, por Nataly Dawn, disponível no youtube.¹¹

Enunciado do exercício: Depois de assistir à vídeo-aula, ler pelo menos 4 sonetos em francês e em português. Faça como Michelle Grangaud (ver aula anterior), que reduziu sonetos do cânone francês em forma de haicai em seus *Poèmes fondus*: “derreta” 4 sonetos de Louise Labé em forma de haicai.

Texto 6: Anagramas das páginas 2 a 5 do livro *Stations* de Michelle Grangaud. Como materiais complementares, indiquei o verbete “*anagramme*” do dicionário online do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (cntrl.fr) e um vídeo no youtube que explica o que são anagramas.¹²

Enunciado do exercício:

Depois de assistir à vídeo-aula e de ler o material desta semana:

- 1) Faça um anagrama com seu nome ou nome + sobrenome (em português e/ou em francês);
- 2) Faça um anagrama em francês a partir de uma palavra em francês: abra uma página de jornal na internet – <https://www.mediapart.fr/> – e pesque ali uma palavra, de preferência nova pra você;

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=lJuKoPaSpOU>

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=kvgpkRS0mZc>



3) Faça um ou mais anagramas em francês e/ou português com duas palavras em francês retiradas das páginas 3 e 4 do livro *Stations* de Michelle Grangaud.

Texto 7: Raymond Queneau, *Exercices de style*, disponibilizado também na tradução de Luiz Rezende. Como material complementar, sugeri o artigo de Márcia Arbex, “Exercícios de estilo com “sotaque tupiniquim”: Luiz Rezende tradutor de Raymond Queneau” (2009).

Enunciado do exercício: Leia “Notations” (“Anotações”) e pelo menos mais 5 versões de sua escolha, de preferência em francês e em português. Escute a leitura em francês de trechos dos Exercices de style, no youtube,¹³ que também contém os textos lidos.

Depois, escreva sua própria versão, de preferência em francês.

Texto 8: O conto *À l’ombre de l’amandier*, da escritora haitiana Évelyne Trouillot, em francês e em tradução de Raquel Dommarco Pedrão. Como material complementar, disponibilizei a entrevista que a autora concedeu à escritora brasileira Juliana Leite, uma entrevista para o canal *Île en île*, disponível no youtube¹⁴, e um vídeo que resume a história do Haiti.¹⁵

Enunciado do exercício: Depois de assistir à vídeo-aula e ler os materiais, encontre os trechos que respondem às perguntas do roteiro de leitura criado pela professora, no texto em francês e na tradução em português. Escolha 10 palavras do conto (em francês) e escreva uma ou mais frases com elas (em francês ou em português, com a tradução das 10 palavras encontradas na tradução de Raquel Dommarco Padrão).

Texto 9: Textos 3, 8, 13 e 18 de *Tropismes* de Nathalie Sarraute, no original em francês e na tradução em português de Marcela Vieira. Como material complementar, disponibilizei um

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=Xhm5T3talUI>

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=LYTAzkDIWfc>

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=SsYvdIdNyHc>



programa da rádio France Culture sobre *Tropismes*¹⁶ e o posfácio de Sandra Nitrini à edição brasileira com tradução de Marcela Vieira.

Enunciado do exercício: Depois de assistir à vídeo-aula e ler os textos, escreva uma micronarrativa inspirada em uma das micronarrativas da Nathalie Sarraute.

Texto 10: Dez aforismos de *Poteaux d'angle*, do belga Henri Michaux, em francês e em tradução de Ana Cláudia Romano Ribeiro. Como material complementar, indiquei o verbete “Aforismo” do Edtl (PIRES, 2009), “Je rame”, poema de Michaux (*de Face aux verrous*) transformado em canção¹⁷, um trecho do ballet criado por Marie Chouinard para sua companhia de dança, baseado no livro de desenhos de Henri Michaux, *Mouvements*¹⁸ e, por fim, palavras cruzadas que criei com vocabulário dos aforismos. Não houve exercício de criação.

Referências

ARBEX, Márcia. *Exercícios de estilo* com “sotaque tupiniquim”: Luiz Rezende tradutor de Raymond Queneau. *O eixo e a roda*, v. 18, n. 1, 2009, p. 129-145.

BÉNABOU, Marcel; ROUBAUD, Jacques. Qu'est-ce que l'Oulipo? *Oulipo.net*, 2017. Disponível em <https://www.oulipe.net/fr/oulipeiens/o>. Acesso em 06/02/2022.

BRAINARD, Joe. *I remember*. Granary Books: New York, 2010.

CARNEIRO, Vinícius. Restrições formais como revolução literária? Uma discussão sobre limites e deslimites das formas em literatura. *Scriptorium*, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2017, p. 133-147.

CETAPS. Soneto. Verbetes do *E-Dicionário de Termos Literários*, 27/12/2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/soneto>. Acesso em 06/02/2022.

DAWN, Nataly. Baise m'encore, by Nataly Dawn. *Nataly Dawn*, 20/05/2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lJuKoPaSpOU>. Acesso em 06/02/2022.

¹⁶ <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/nathalie-sarraute-les-tropismes-se-produisent-avant-laction>

¹⁷ <https://lyricstranslate.com/fr/je-rame-eu-remo.html>

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=oVIUcJRxoMg>



- DINIZ, Marcelo. Um bibelot de Du Bellay. *Remate de Males*, 34-1, jan./jun. 2014, p. 185-195.
- DUCHESNE, Alain; LEGUAY, Thierry. Inventaires futiles. In: *Petite fabrique de littérature*. Paris: Magnard, 1985, p. 251-256.
- GRANGAUD, Michelle. *Poèmes fondus*. Paris: Éditions P.O.L., 1997.
- GRANGAUD, Michelle. *Stations*. Paris: Éditions P.O.L., 1990.
- Histoire d’Haïti (courte animation – “In Haiti: a roadtrip documentary”). In *Haiti*, sem data. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SsYvdIdNyHc>. Acesso em 06/02/2022.
- LABÉ, Louise. *Oeuvres complètes*. Sonnets, Élégies, Débat de Folie et d’Amour. Édition, préface et notes par François Rigolot. Paris: Flammarion, 1986.
- LABÉ, Louise. Poemas de Louise Labé. In: *Três mulheres apaixonadas*. Poemas de Gaspara Stampa, Louise Labé, Elizabeth Barrett Browning. Tradução de Sergio Duarte. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- Logique – Mots – Méthode nº 8 – Anagrammes. *Aurlom TV*, sem data. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kvgpkRS0mZc>. Acesso em 06/02/2022.
- MEIRELES, Maurício. Livro cria ladainha poética a partir de miudezas esquecidas. *GZH*, Porto Alegre, 11/06/2019. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/06/livro-cria-ladainha-poetica-a-partir-de-miudezas-esquecidas-cjwru99d7006e01qjkcczpzpif.html>. Acesso em 06/02/2022.
- Nathalie Sarraute: “Les tropismes se produisent avant l’action, aux limites de la conscience, avant même la parole...”. *Les nuits de France Culture*, par Philippe Garbit, 08/06/2017. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/nathalie-sarraute-les-tropismes-se-produisent-avant-laction>. Acesso em 06/02/2022.
- MICHAUX, Henri. *Poteaux d’angle*. Paris: Gallimard, 1981.
- MICHAUX, Henri. Henri Michaux, por Ana Cláudia Romano Ribeiro. 10 aforismos de *Poteaux d’angle (Pilares de canto)*, de Henri Michaux. *Escamandro*, 22/06/2020. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2020/06/22/henri-michaux-por-ana-claudio-romano-ribeiro/>. Acesso em 06/02/2022.
- PEREC, Georges. “Approches de quoi?” In: *L’infra-ordinaire*. Paris: Seuil, 1989, p. 9-13.
- PEREC, Georges. “Abordagens de quê?”, traduzido por Zéfere. In: Galdolfo, Elvio E. *Ônibus*, tradução de Davis Diniz. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018, p. 103-104.



PEREC, Georges. “Aproximações de quê?”, traduzido por Rodrigo Silva Ielpo. *Alea*, v. 12, n. 1, janeiro-junho 2010, p. 177-180.

PEREC, Georges. *Je me souviens*. Paris; Hachette, 1978.

PEREC, Georges. Je me Souviens, de Georges Péric (trechos afetivos). *atelierdearteeliteraturapotencial*, 2017. Disponível em <http://atelierdearteeliteraturapotencial.blogspot.com/2017/09/je-me-souviens-de-georges-perec-trechos.html>. Acesso em 06/02/2022.

PIRES, Maria da N. Aforismo. Verbete do *E-Dicionário de Termos Literários*, 20/12/2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/aforismo>. Acesso em 06/02/2022.

QUENEAU, Raymond. *Exercices de style*. Paris: Gallimard, 2003.

QUENEAU, Raymond. *Exercícios de estilo*. Tradução, apresentação e posfácio de Luiz Rezende. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

REGGIANI, Christelle. Être Oulipienne: contraintes de style, contraintes de genre?. *Études littéraires*, 47 (2), 2016, p. 103-117.

Raymond Queneau – Exercices de style – Audios & textes. *E-french*, sem data. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xhm5T3talul>. Acesso em 06/02/2022.

SARRAUTE, Nathalie. *Tropismes*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1957.

SARRAUTE, Nathalie. *Tropismos*. Tradução de Marcela Vieira. Posfácio de Sandra Nitrini. São Paulo: Luna Parque, 2017.

TIRELLI NETO, Ismar. Estúdio 50 recebe Ismar Tirelli Neto. Entrevista concedida a André Capilé. *Estúdio 50*. Juiz de Fora: Macondo, maio de 2021.

TROUILLOT, Évelyne. À sombra da amendoeira, traduzido por Raquel Dommarco Pedrão. *Puñado*, 5, 2018, p. 78-84.

TROUILLOT, Évelyne. Entrevista: Évelyne Trouillot (Haiti). Entrevista concedida a Juliana Leite. *Incompleta*, 2018. Disponível em: <https://incompleta.com.br/entrevista-evelyne-trouillot/>. Acesso em 06/02/2022.

TROUILLOT, Évelyne. Évelyne Trouillot, 5 questions pour Île en île. Entrevista concedida a Thomas C. Spear. *Île en île*, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LYTAzkDIWfc>. Acesso em 06/02/2022.



TURIN, Gaspard. “J’aime, je n’aime pas”. Connivence entre Perec et Barthes. *Fabula*, Les colloques, Roland Barthes, contemporanéités intempestives, 2018. Disponível em <https://www.fabula.org/colloques/document5769.php>. Acesso em 06/02/2022.

VILLON, François. Balada das coisas desimportantes em tradução de Wilson Ribeiro Junior. Disponível em: <https://warj.med.br/memo/villon.asp>. Acesso em 06/02/2022.

VILLON, François. Balada das coisas sem importância em tradução de Ferreira Gullar. *Revista prosa, verso e arte*, sem ano. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/francois-villon-poemas/>. Acesso em 06/02/2022.

ZAMORANO, Julie. L’infra-ordinaire: esquisse de la théorie narrative de Georges Perec. *Thélème. Revista Complutense de Estudios Franceses*, vol. 30, n. 2, 2015, p. 269-282.





L'INFRA-
ORDINAIRE

Cotidiano

Hoje é sexta feira, estou na janela da sala de jantar, um helicóptero cruza o céu cinzento de um dia chuvoso, os carros passam na avenida Rio Branco e o barulho do pneu sobre a lâmina fina de água é como um sussurro aos ouvidos. Vários carros estacionados, mas os vermelhos chamam a atenção, pessoas caminham, outro helicóptero cruza o céu cinzento e as pessoas com seus guarda-chuvas pretos e sombrinhas coloridas continuam a seguir seu caminho. Na rua abaixo passa um homem com seu carrinho de cheio de papelão. Caminha devagar sob a chuva. Quais seriam seus pensamentos neste momento? Passam quatro motos, em todas elas capacetes da cor branca, mera coincidência. Na minha frente, bem pertinho, a planta preferida insiste em mudar o clima melancólico de um dia chuvoso: prepara dois botões rosa. A fala de um homem chama a minha atenção, mas o vento a transforma em um murmúrio sob a chuva. Dois guardas em um estacionamento conversam e olham os dois lados da rua deserta. Sinto falta das cores de um dia de sol. Outro helicóptero cruza o céu, as pessoas caminham com seus guarda-chuvas, sombrinhas, a chuva mansa cai devagarinho na minha frente, vontade de tocá-la, mas não dá, sinto frio, um vento frio começa a soprar, vou fechar a janela.

Hoje é domingo e um vento frio e constante transpassa a pele. Janela fechada e, através da vidraça, do lado de fora, duas pessoas passam devagar de bicicleta, curtindo o sol pálido de inverno. As lojas hoje não abrem e poucas pessoas caminham pela rua. Um silêncio de domingo no centro da metrópole. Passa um ônibus vazio, um homem vestido de preto se esconde atrás do prédio, o sol ilumina as roupas nos varais do prédio à frente, uma pomba branca sob o sol sobrevoa por sobre as torres da igreja santa Cecília. A torre principal manchada de preto pela poluição. Seria sua cor verde ou azul piscina? Linda, escondida entre os prédios, em vão sua beleza. O vento balança os galhos das poucas árvores e mais alguém em uma bicicleta passa devagar. Hoje há poucos carros estacionados na rua, mas os vermelhos chamam novamente a atenção. Abro a janela, está muito frio lá fora, o botão de flor se abriu, como se sorrisse neste dia gelado.

O sol ilumina a cidade. É intenso o vai e vem de pessoas. O estacionamento logo abaixo com sua lotação completa, o gari com seu uniforme laranja vira a esquina puxando seu

168



carrinho, o rapaz de boné branco entra em sua casa de portas e janelas vermelhas, com a fachada toda azul, são vários moradores neste espaço. As motos e ônibus coletivos juntamente com os carros brotam no trânsito abaixo. Uma carroça levada por um ser humano mostra a frieza do capitalismo. O vento sopra frio, mas não congela. Hoje os raios de sol se mostraram mais fortes. A bicicleta cruza o farol devagar, um barulho não decifrável plaina no ar da cidade em plena segunda-feira. Uma família passa, o garoto com seu patinete, feliz, vai à frente. Os carros estacionados na rua são brancos, cinzas, verdes e também tem os vermelhos. As pessoas caminham com suas roupas sóbrias. De vez em quando um transeunte de vermelho ou branco. Ao longe, um prédio na cor cinza com uma fenda pintada de vermelho, como se fosse uma gota de sangue escorrendo lentamente. Incrível sentir o pulsar da vida lá fora e a plantinha aqui pertinho de mim com botão rosa e uma bela flor a sorrir na manhã de sol.

Abigail Pereira



I

Le coup de lumière vient de très haut et brûle les toits. Au moins, c'est l'impression qu'il me fait, concentré contre la matière claire des tuiles quand ses rayons lumineux s'écartent partout. On est dans le jardin. Ici-bas, la clarté atteint aussi le sol recouvert d'une mosaïque de pierres vernies et tous ces jeux rayonnants laissent une empreinte. Il suffit de les regarder et je me sens réchauffer les joues quand, en fait, le vent qui souffle est assez froid. Je parle de moi-même parce qu'il n'y a plus personne ici.

Voici, à huit heures et demie, au-dessus du soleil, les graines que j'ai fait pousser à Noël. Voici ce que j'ai fait des semences que tout le monde a jeté après avoir mangé leurs litchis. Il est presque Noël encore une fois et elles ont bien poussé. Chacune est plantée dans son vase plastique d'une couleur brunâtre comme pour imiter l'argile. Maintenant il y a deux petits arbres, la tige est déjà épaisse, mais les branches sont encore très fragiles. Les nouvelles feuilles ne sont pas en très bon état, elles détériorent avant que la petite pousse verte ait eu la chance de grandir. Elles s'enroulent de leur pointe à la moitié et puis commencent à brunir. Aujourd'hui, certaines sont sèches.

J'ai pris une branche mort-née, toute petite, avec cette couleur qui ont les plantes toute jeunes. Pas brun, pas jaune, pas vert, pas rouge, c'est tout ensemble, mais celle-ci est détachée.

II

Il y a un bruissement qui fait partie d'ici, et il y en un porté par le vent. Le soleil est un peu moins fort aujourd'hui, mais ça peut changer en quelques minutes ou même secondes. J'ai aperçu qu'il y a des feuilles déchirées, mais ce n'est pas à cause de leur fragilité. Ça semble dû à une attaque d'oiseaux. Peut-être les mêmes oiseaux qui font du bruit maintenant. De petits bruits qui viennent de partout sont mêlés tout à coup au son tranchant d'un coupeur d'herbe. C'est tout ce que le vent a pu apporter jusqu'au moment: la machine, les oiseaux, les chiens, quelqu'un en vélo, des choses vivantes. De temps en temps, quelque chose tombe du sommet de l'arbre qui est devenu le support idéal pour les orchidées. Ces craquements, par contre, me rappellent des choses mortes.

170



III

En regardant en haut, j'ai la vue de l'auberge qui se trouve dans la rue en arrière. On peut voir la face latérale du bâtiment où se trouvent les balcons, tous identiques, jaunes. Chacun avec une petite fenêtre en verre dépoli et une porte peinte en brun foncé. Pas mal de temps est passé et je ne vois aucun mouvement. En fait, il y a des mois qu'on ne voit personne se déplacer dans ces chambres. Beaucoup de voitures passent dans la rue. Les couleurs les plus récurrentes en ordre décroissant sont celles-ci: noir, rouge, gris et blanc. La plupart du temps, ces voitures passent à une vitesse exagérée. Également, les oiseaux passent avec des mouvements assez courts et coupants. Ils volent jusqu'au bout pour atteindre la cible, complètement déterminés à faire des victimes dans les plates-bandes: la lavande à moitié coupée, le philodendron est aussi leur victime. Les moineaux ont l'œil aiguisé. Certainement il y a quelque chose d'extraordinaire dans ces poses précises qui font ondoyer les rameaux. Ces figures volantes composent le paysage avec leur mouvement. Malgré ça on ne peut apercevoir aucune autre oscillation.

La fleur de porcelaine est pendue contre le mur, inébranlable au vent.

L'aloë vera reste sur une colonne en béton. Elle ressemble à une plante carnivore qui dévorera le premier insecte qui posera sur sa forme monstrueuse.

Les rameaux des rosiers sont rougeâtres quand ils viennent de se former.

Il y a trois nouvelles pousses dans le litchi.

Ana Beatriz de Brito



12:07

Le 11 août 2020 est là et je m’apprête à laver la vaisselle. Dans la cuisine tout est vert et calme par les fenêtres. Le frigo émet ses sons habituels. J’écoute ce que m’apporte l’air: des chiens qui aboient, du vent dans les feuilles, les troncs d’arbre qui grincent. Au loin, une chanson martèle comme des coups. Un bruit métallique surgit et disparaît. Des échos.

12:26

Le deuxième jour je ne suis plus dans la cuisine. Shaman blues à la radio, on dance dans le salon. Ensuite, Deise au téléphone, moi au téléphone, dessin dans la tête. De la rouille dans le petit plateau où j’ai mis un napperon brodé par ma mère avant que je n’existe: une petite hollandaise en costumes traditionnels offre des fleurs à un insecte mort à côté d’elle. Une relique.

06:07

Le troisième jour je me lève tôt car tout s’accumule sauf le temps qui passe comme un hibou. Les oiseaux gazouillent et le soleil se lève. Localiser mon est, localiser mon nord, la tête encore fatiguée. Des livres, des cahiers, l’ordinateur, un crayon, on va tous dans le salon. Sur le canapé mon tambour de buffle m’attend calmement. Coeur dedans, coeur dehors.

Ana Cláudia Romano Ribeiro



11h00

Ele me acorda com café, como todos os dias.
Ando pelo apartamento e vejo os estragos que os gatos fizeram na noite passada.
Pego o celular e divago por longos minutos, tentando ignorar outro dia de vida.
Começo a ranger os dentes sem perceber, um leve incômodo no pescoço.

13h30

Ligo o computador, olho o celular, respondo alguns stories, cuido dos gatos.
Tento organizar o que eu deixei para fazer ontem.
Um pico de mania, tudo que eu comecei não terminei.
Meus dentes rangem, sinto leves dores na cabeça.

19h00

Em tempos desalinhados.
Ansiosa pelo que não fiz e deprimida pelo próximo dia.
Desligo o computador, olho o celular, mas já não falo com ninguém.
Qualquer luz é insuportável, o rangido era a ansiedade chamando a enxaqueca.
Termina doloroso o dia que eu evitei começar.

Camila Mônaco



Il pleut, mais les étoiles sont toujours là

Aujourd'hui il pleut dehors, le ciel est gris. Les nuages ne forment pas des images comme les jours ordinaires, la pluie est encore là, le ciel est encore là, mais je suis ici, comme un bâtiment. Parce que les bâtiments se croient toujours plus grands que la pluie, parce qu'ils ont été fait pour que les gens se réfugient de la pluie, parce que les gens les construisent pour les gens eux-même. Ils sont aussi fragiles qu'une pluie très forte peut les menacer. La nuit tombe très belle et violente, elle apporte un froid vide d'espoir. À l'intérieur il y a un chagrin qui reste vivant, les étoiles brillent pour montrer que le monde existe avant même de l'existence des bâtiments et qu'il va toujours exister.

Encore une fois, il pleut là-bas, mais aujourd'hui, il pleut dedans. Je ne sais pas si je suis un homme ou si je me mêle avec la nature pour comprendre que mes larmes sont produites par la pluie, mes cheveux sont comme les arbres, mes doigts sont comme les branches et mes jambes sont comme les racines mais je ne serai jamais une étoile. Qui est-ce ce "il" qui fait la pluie et qui produit mes larmes?

Le dernier jour le soleil vient pour montrer que nous ne savons pas quels sont les chemins de notre destin, alors, si la pluie n'est pas là et le soleil s'installe ici, que sera de nous demain? Comme les vagues qui sont dans les vastes océans, je suis. Aujourd'hui le soleil dort, la nuit tombe, les étoiles sont toujours là. Et je suis comme une vague.

Camila Rodrigues de Souza



O som de dentro

I

Esse é o lugar que mais me agrada, principalmente depois de limpo. Aqui é onde eu instalei uma antiga rede de tecido bege com alguns mosaicos; ela pertence ao meu pai, mas nela, ele já não alonga seu corpo grande e cabeça cansada. A vida para ele agora é outra, aquela de não enxergar os pequenos prazeres que de tão pequenos nem o são mais.

Daqui vejo um pedaço do céu, hoje azul; casas com reboco por fazer; antenas de sinal, analógico e digital. Você já se perguntou qual sinal você é? Analógica talvez. Tons de azul, laranja queimado, marrom, alumínio e verde.

O verde das minhas plantas. Atrás, a percussão metálica da máquina de lavar toca. Isso finaliza o ciclo longo ou curto.

Um motor de carro se distancia. Da rua pequena sem saída, os carros mais saem do que entram, parece que eles são gerados nas próprias garagens e partem, como filhos... Posso ouvir pássaros cativos da casa da frente, o celular de um jovem envolvido no tráfico toca uma música. Esse já se foi.

Cinquenta e quatro vasos de plantas, pequenas salvadoras. Minhas plantas. Outro carro é gerado na garagem da frente, quase pronto para ser parido. Os pássaros em suas gaiolas estão agitados. O carro saiu.

Apesar das duas tentativas com o rodo, poças d'água se formam nas encruzilhadas do piso encardido pelo barro dos vasos.

Nenhuma flor para mim hoje.

Le bruit de l'intérieur

I

C'est l'endroit qui me fait le plus plaisir, surtout après le nettoyage. Ici c'est où j'ai installé un ancien hamac en tissu beige avec des mosaïques; il appartient à mon père, mais il

175



n'y allonge plus son grand corps et sa tête fatiguée. La vie a changé pour lui, maintenant c'est une vie à ne pas regarder les petits plaisirs si petits qui ne le sont plus.

D'ici je vois un morceau du ciel, maintenant bleu; les maisons ont l'enduit à faire; des antennes signal analogique ou digital. Vous vous êtes déjà demandé quel signal êtes-vous? Analogique peut-être. Tons de bleu, l'orange brûlé, le marron, l'aluminium et le vert.

Le vert de mes plantes. En arrière la percussion métallique du lave-linge. C'est la fin du cycle, long ou court.

Un moteur de voiture se détache. De la petite rue sans issue les voitures sortent plutôt. On dirait qu'elles sont engendrées dans les garages même et y sortent comme des nouveaux-nés... Je peux écouter les oiseaux captifs de la maison d'en face. Le portable d'un mec mêlé avec le trafic.

Cinquante-quatre vases de plantes, petites salvatrices. Mes plantes. Une autre voiture est engendrée dans le garage d'en face, presque prête à être accouchée. Les oiseaux s'agitent dans leurs cages.

Malgré deux tentatives avec la raclette, des flaques d'eau se forment dans les croisements du plancher crasseux.

Pas de fleur pour moi aujourd'hui.

Claire Silva de Souza



09/08

É domingo, e por estar ela ressignificada de seu propósito, serve de cabideiro, para roupas que não estão sujas o suficiente para lavar, mas nem tão limpas para voltar ao guarda-roupa. Um moletom preto, um top e uma blusinha verde. No fim do dia são jogadas mais duas peças: um short jeans e o sutiã.

10/08

Segunda, pela necessidade da “ordem”, o objetivo é colocar no cesto o que precisa ser lavado e guardar o que precisa ser guardado. Exceto pelo moletom, este permanece ali nos “braços” da poltrona (assim apelidados no mundo social e estudados como catacrese na linguagem). A ideia é que permaneça pela praticidade, que às vezes em uma grande urgência, como a virada de tempo repentina, eu o consiga achar rapidamente. No fim do dia, novamente, são jogadas mais peças (três), usadas ao longo do dia.

11/08

Terça-feira. As roupas que foram jogadas no final do dia de ontem, são usadas mais uma vez hoje. Sinto a necessidade de ajeitar o moletom que fora levemente desarrumado, e o opto por colocá-lo na poltrona. Ela permanece ao longo do dia estática (obviamente), entretanto, ao tardar da noite, resolvo reposicioná-la de modo mais rente à parede, perto da tomada a sua direita, para praticar o “experimento” e colocar o celular para carregar ali, longe de minha cama (obrigando-me a de fato levantar e desligá-lo amanhã pela manhã quando despertar).

Damali Cristiana dos Santos Moreira



Les 10 premières minutes au réveil

Dia 1

J'ai sommeil. Je ne sais pas si je répons à mes messages WhatsApp ou si j'ouvre YouTube. Je pense que je deviens accro aux téléphones portables. Non. En fait, c'est juste ma façon de créer des souvenirs pour cette quarantaine qui, en fait, me permet de rester quelques secondes de plus au lit sans me sentir mal à l'idée de le faire. Je décide alors de regarder les messages WhatsApp et je me rends compte que je préfère aller sur YouTube. J'envoie une curiosité à Betinho. Je me lève et je sens la maison gaie. C'est très bien de se réveiller chez moi! Merci pour la nourriture, mon Dieu. Où est ma soeur? Qu'est-ce que mes parents ont à faire aujourd'hui? Dois-je prendre le petit-déjeuner ou le déjeuner? En fait, je pense que je veux quelque chose de sucré. Je dois rendre visite à ma grand-mère. J'ai besoin de prendre un bain de soleil. J'ai besoin de marcher. Je dois terminer mon article. J'ai besoin de lire pour me distraire et je dois lire pour travailler. J'ai besoin de prier. Je dois payer le billet que ma sœur a demandé. Le virement bancaire n'a pas fonctionné, je dois résoudre ce problème. Dix minutes se sont passés.

Dia 2

J'ai sommeil. Où est mon téléphone portable? Je pense que je deviens accro à ce téléphone portable. Je décide de vérifier les messages WhatsApp mais je préfère aller sur Instagram. Quelle classe ai-je aujourd'hui? J'envoie une question controversée à Betinho. Je me lève et je sens la maison heureuse. Je suis contente d'être à la maison. Merci pour la nourriture, mon Dieu. Où est ma soeur? Quels engagements mes parents ont-ils aujourd'hui? Dois-je prendre le petit-déjeuner ou le déjeuner? Je vais prendre un bain. Où est le lien de la classe? Je retrouverai ce lien plus tard. J'ai aimé le bikini que j'ai vu sur Instagram, je pense que je vais l'acheter. Je l'ai acheté. J'ai hâte de rencontrer Betinho. Combien de jours restent-t-il avant que ce jour arrive? Vingt minutes.



Dia 3

J'ai sommeil. J'ouvre mon portable. Mon frère m'a envoyé six mèmes, trois propositions de voyage et deux maisons décorées. Je ne sais pas si je ris ou si je pleure. Est-il très optimiste en quarantaine ou suis-je trop fatiguée de cet étrange semestre qui n'a même pas commencé? Je suis heureuse parce que je suis chez moi. Merci mon Dieu, pour la maison, mais je veux ne pas me sentir coupable quand je la quitte. Je dois faire toutes les choses auxquelles j'ai pensé il y a deux jours. Je ne sais pas par où commencer. Mes amis, mes cousins et Betinho me manquent beaucoup. Mes parents et ma sœur me manquent aussi, je dois organiser mon temps pour être avec eux à l'intérieur de la maison sans penser aux choses que je devrais faire. Juste être. Je pense à ce que je vais faire ce week-end, je passerai du temps de qualité avec ma famille. Ma chambre a tellement de souvenirs de mon adolescence, même si aujourd'hui ma chambre est entièrement rénovée. Combien d'amis ont dormi ici? Combien de tristes conversations ai-je eu ici? Combien de nuits heureuses ai-je eu ici aussi? J'ai toujours aimé les gens avec moi. Je me souvenais maintenant qu'avant que Betinho ne devienne mon amour, cette pièce était l'endroit de la maison qu'il connaissait le mieux. Cette pièce est importante pour moi. Je me sens accueillie par tous ses souvenirs, surtout ces jours-ci, où l'on se retrouve sans distractions. Fin de dix minutes.

Meus primeiros 10 minutos ao acordar

Dia 1

Estou sonolenta. Não sei se respondo meu WhatsApp ou se abro o Youtube. Acho que estou ficando viciada nessas coisas. Não. Na verdade, é só o meu modo de criar memórias para esta quarentena que, afinal, me permite permanecer por mais alguns segundos na cama sem que me sintam mal por isso. Resolvo olhar o whats, então prefiro ir para o YouTube. Envio para o Betinho alguma curiosidade. Me levanto, vejo a casa alegre. Como é bom acordar em casa. Obrigada pela comida, Deus! Onde está minha irmã? Que compromissos meus pais têm hoje? Devo tomar café ou almoçar? Acho que vou ver se têm algum doce. Eu tenho que visitar minha

179



avó. Preciso tomar sol. Preciso caminhar. Eu tenho que terminar meu artigo. Preciso ler para me distrair e tenho que ler para trabalhar. Preciso orar. Preciso pagar o boleto que minha irmã pediu. A transferência bancária deu problema, preciso resolver isso. Já deu dez minutos.

Dia 2

Estou sonolenta. Cadê meu celular? Estou ficando viciada. Resolvo olhar o Whats e então prefiro ir para o Instagram. Hoje eu tenho aula do que? Envio para o Betinho uma questão polêmica. Me levanto, sinto a casa alegre. Que bom acordar em casa! Eu agradeço pela comida, Deus. Onde está minha irmã? Que compromissos meus pais têm hoje? Devo tomar café ou almoçar? Vou tomar banho. Onde está o link da aula? Depois eu vejo isso. Gostei desse biquíni que vi no Instagram, acho que vou comprar. Comprei. Estou ansiosa para encontrar o Betinho novamente. Quantos dias faltam? Já se passaram vinte minutos.

Dia 3

Estou sonolenta. Abro o celular. Meu irmão me enviou seis memes, três propostas de viagem e duas casas decoradas. Não sei se dou risada ou se choro. Ele é muito otimista na quarentena ou será eu que estou cheia demais desse semestre estranho que ainda nem começou? Eu estou feliz porque estou em casa. Obrigada pela casa, Deus, mas quero não me sentir culpada quando sair dela. Preciso fazer todas as coisas que pensei dois dias atrás. Não sei por onde começar. Estou sentindo muitas saudades dos meus amigos, primos e do Betinho. Também estou sentindo falta dos meus pais e da minha irmã, preciso organizar meu tempo para ficar com eles dentro de casa sem pensar nas coisas que eu deveria estar fazendo. Só estar. Acho que vou fazer isso nesse final de semana, vou passar um tempo de qualidade com eles. Meu quarto carrega tantas memórias da minha adolescência, embora, hoje em dia, ele esteja todo reformulado. Quantos amigos e amigas dormiram aqui? Quantas conversas tristes tive aqui? Quantas noites felizes vivi aqui também? Sempre gostei de gente junto comigo. Lembrei que antes do Betinho se tornar o meu amor, este foi o lugar que ele mais conheceu da casa. Esta parte da casa é importante pra mim. Me sinto bem nela. Me sinto acolhida por todas

180



as memórias desse lugar, principalmente nestes dias que estão tão sem distrações. Fim dos dez minutos.

Débora Elize Kogawa



Antes.Agora.Após

Une chambre que je n'ai pas vue depuis décembre dernier, ici où je me retrouve en moi-même, où je pétris ma mémoire pour découvrir comment je suis devenu celui que je suis aujourd'hui, comment nous sommes tous arrivés ici, oui, nous sommes maudits.

Les transformations sont des choses qui ne sont pas possibles à regarder, à prédire, même si nous arrêtons le temps, même si on découpe, on tue, on brise, on écrase le temps.

Les étagères sont déjà tordues et le papier peint est taché depuis des années. Il se décolle des murs comme s'ils en avaient assez d'être ensemble si longtemps. Seul le silence voit ce divorce. Les transformations sont les chevauchements de l'ancien passé et du nouveau passé, car le présent redevient sans cesse passé.

Une chambre qui conduit mon esprit, qui conduisait mon espoir. Une chambre. Des livres partout, des mots partout, de l'amour partout. Des collections de choses que ne signifient rien mais signifient le monde. Un Hibou protégeant les livres, de vieilles pages et des savoirs toujours frais, prêt à voler. Ils volent déjà.

Je peux parler avec les murs, ils ont le même sentiment de peur qu'ils ont déjà eu, mais leur structure est forte et leur regard va loin. Personne ne peut compter combien de moments et de sentiments ont été griffés sur ce sol, des marques de douleur, d'amour et de mémoire. Les objets éparpillés sont à moi, mais maintenant ils ne le sont plus, ils viennent d'un autre moi, qu'un jour je pourrai peut-être retrouver.

Autre chambre, la même. La réalisation de l'être, qui n'est rien, mais ma mémoire d'aujourd'hui parle avec moi, elle dit que si la lune s'appelle lune, toutes les choses sont tout ce qu'elles ont toujours voulu être. Moi aussi. Je sais que la réalité n'est pas ce qu'elle paraît être, nous sommes une formation non dite, nous sommes programmés par le collectif de nous-mêmes, conditionnés par des règles tordues à l'infini. Ainsi, les murs de cette chambre ne supportent plus cette tonne de distorsions de la pensée et elle ne tient pas les fils où commencent les réalités. Ils bloquent juste... Ils bloquent la possibilité d'une liberté totale, la vue de quelque chose que je ne peux pas voir. Le sol semble disparaître, mais si je trébuche, il est là pour me rappeler que la douleur est furtive.



Chaque chose que le regard peut trouver est prise de réalité, aucune n'est parallèle, elles se croisent toutes, et le seul point où toutes les petites réalités de choses que je vois se croisent, est en moi. Je suis le déclencheur de cette confusion, le point entre plusieurs, je suis la pièce du jeu qui ne colle pas. Tu entends ça? Qui?

La fenêtre qui est dans la chambre ne reflète que l'obscurité. Les verres sont faits de matériel soluble, la seule lumière qui brille est celle de l'intérieur. Ces murs dont j'ai parlé, ils se sont déjà décortiqués en mille couches, comme les livres sur l'étagère. Je ne sais plus où est le haut, ni le bas, mais l'intérieur reste le même. Combien de mots sont tombés aujourd'hui? Ces mêmes mots n'habitent plus les livres, et même eux n'habitent plus les étagères. Les places ne sont plus... Ce que nous avons de concret est maintenant liquide. Nos pensées étourdies peuvent se confondre avec la parole, ou avec un fredonner.

L'air contenu dans la chambre m'étouffe, c'est comme être sous l'eau. Je sens que tous les morceaux dont je suis formé se désintègrent. Tout comme la chambre n'est plus une chambre, je ne suis plus moi-même, je peux être un morceau de toutes les personnes, ou peut-être un morceau de tout. Moi, même si je suis toujours dans cette pièce, je peux être un univers.

Ghustavo Muniz





Ghustavo Muniz

Pourquoi?

Je suis au même endroit

Mêmes murs

Mêmes couleurs

Toujours:

N'est-ce pas toujours plus effrayant?

C'est moi?

Ingrid Aparecida Peixoto de Borba



Tic-tac-toe

O tic-tac do relógio olhando a sala vazia
continua trabalhando, que correria.
A geladeira falou algo para o tic-tac do relógio,
silêncio pensamento, Cronos tem talento.

Uma gota de água fez a pia gritar
e muitas almofadas desalinham-se no sofá.
Três lâmpadas, três pontos cardeais
e o tic-tac do relógio nunca fornece paz.

Uma blusa, tic-tac, óculos, tic-tac, dois controles -remotos, tic,
oito almofadas, tac, uma máscara de pano e um titã na parede
assusta três vasos assimétricos na estante.
Somente o tic-tac do relógio domina
enquanto o ponteiro vermelho sangra os minutos.

Minha mãe, um celular na mão
vendo um pai falar de chinelos e pés bonitos.
Não há mais o tic-tac do senhor do tempo;
Há um Pai e uma mãe conversando sobre Anthony.

Quem diabos é Anthony? Ainda sem o tic-tac
a televisão ganha poder, polui e ilumina tudo.
Eles falam sem cessar e a luz alerta
reclama: Abaixem o som para eu brilhar!

Um papel triste amassado chora no sofá e nem sinal do relógio.



Vejo um gato, uma coruja e a dominação da televisão.
Enquanto Eva morde os lábios de curiosidade, Adão calou-se,
pois um quadro de dois cachorros fiscaliza-os.

Mãe, pai, Adão, Eva e nenhum tic-tac;
A planta, os ladrilhos na parede, sacolas de papel,
calça florida, chinelos, óculos, dois vasos de margarida,
a escada, mãe, pai, mãe, eu, tic-tac, televisão, ruído,
som, vaso, mãe, tic, sem toc, pai, som, televisão...
caderno fecha.

João Hilton



O amanhecer

o sol invade
por uma frestinha
a varanda
tornando as plantas saudáveis
recarregando-as de vida

na sete-ervas nasce
um pontinho vermelho
é a pimenta florindo
o brotinho de feijão
o alho-poró

esse espaço acolhe
a rede para tirar os pés do chão
o sol para nos florescer
o roxo na parede nos aproxima
e nos lembra
da espiritualidade presente
em tudo
no tudo

agradecer
sempre agradecer

O entardecer

O céu é sempre o mesmo visto da varanda,
ainda assim todos os dias suas cores são tão diferentes.



O fundo da parte de cima do céu hoje está roxo,
descendo e formando um degradê,
que viaja pro amarelo,
e termina no laranja.

O “puxadinho” da casa da frente,
construída com as mãos do homem que ali mora.
Assistimos como quem está maratonando uma série,
dia após dia mudar aquele espaço,
bem como a nossa vista da varanda,
que também vai se modificando a cada novo tijolo empilhado.

Até hoje não sabemos o que é de fato o “puxadinho”.
Seria uma estufa?
Ou um espaço para guardar ferramentas?
Não se sabe.
Mas vemos as horas do dia atravessando suas janelas.
Agora as horas do céu apontam três cores,
no céu da janela do puxadinho:
O azul, o laranja e o vermelho.

O anoitecer

O escuro.
As roupas ainda no varal.
O barulho da máquina do açougue.
O vento batendo,
Chegando no rosto,
passando e lembrando:
Ei! Você está viva!



As roupas de mesa no varal
balançam,
como se a bailarem.
A gata que pula no muro
e lá do alto vê o mundo.
A escuridão.
As imagens distorcidas.
Mesmo assim retorna,
todos os dias,
para ver o mundo
renascer.

L'aube

le soleil envahit
à travers une petite fente
la veranda
rendant les plantes saines
les rechargeant de vie

dans le *sete-ervas*
un petit point rouge est né
c'est le poivre qui fleurit
le petit bourgeon de haricot
le poireaux

cet espace accueille
le hamac pour enlever les pieds du sol
le soleil pour nous faire fleurir



le violet sur le mur nous rapproche
et nous rappelle
la spiritualité présente
en tout
dans tout

remercier
toujours remercier

Le couchant

Le ciel est toujours le même vu de la véranda,
et pourtant chaque jour ses couleurs sont si différentes.
Le fond du haut du ciel, aujourd'hui, ce violet.
En descendant pour former un dégradé,
en voyageant vers le jaune,
finissant en orange.

Le petit annexe de la maison de devant,
construit par les mains de l'homme qui y vit.
Nous l'avons regardé comme quelqu'un qui suit une série télévisée,
jour après jour changer cet espace,
ainsi que notre vue de la véranda,
qui change aussi avec chaque nouvelle brique empilée.

Jusqu'à présent on ne sait pas ce qui est le petit annexe.
Serait-ce une serre?
Ou un espace où garder des outils?
On ne sait pas.
Mais on voit les heures de la journée traverser tes fenêtres.



Maintenant les heures du ciel indiquent trois couleurs,
dans le ciel depuis la fenêtre du petit annexe:
Le bleu, le jaune et le rouge.

Le crépuscule

Le noir.
Les vêtements dans la corde à linge.
Le bruit des machines de la boucherie.
Le vent qui souffle,
dans le visage,
il passe et rappelle:
Eh, toi! Tu es vivante!
Le linge de table dans la corde à linge
balançait
comme s'il dansait.
La chatte qui saute dans le mur
et d'en haut voit le monde.
L'obscurité.
Les images déformées.
Elle revient néanmoins,
tous les jours,
pour voir le monde
renaître.

Larissa Scariel





Dia 1

Elas se movem, como se dançassem, como se estivessem muito felizes
Pela luz que as aquece
Algumas florescem
Florescem as que quase sempre mal crescem
Outras vão perdendo lentamente as forças
Trazidas a um ambiente de outras
Porque obrigar uma vida estrangeira
A viver à nossa maneira?
Não parecem se importar de fato
Por só nascerem para o seu prato
Elas continuam alegres

Dia 2

O único local em que tudo parece estar satisfeito
Em que tudo aceita a calma e paciência
E tudo valoriza a própria ciência
Aqui, é importante cada pequeno feito

Cada uma tem sua forma e cor
Dividem um pequeno espaço dado pela laia
Filhas de uma única mãe, Gaia
Será que possuem alma e sentem amor?

Tantos pequeninos, mal são vistos
São tantos, são mistos



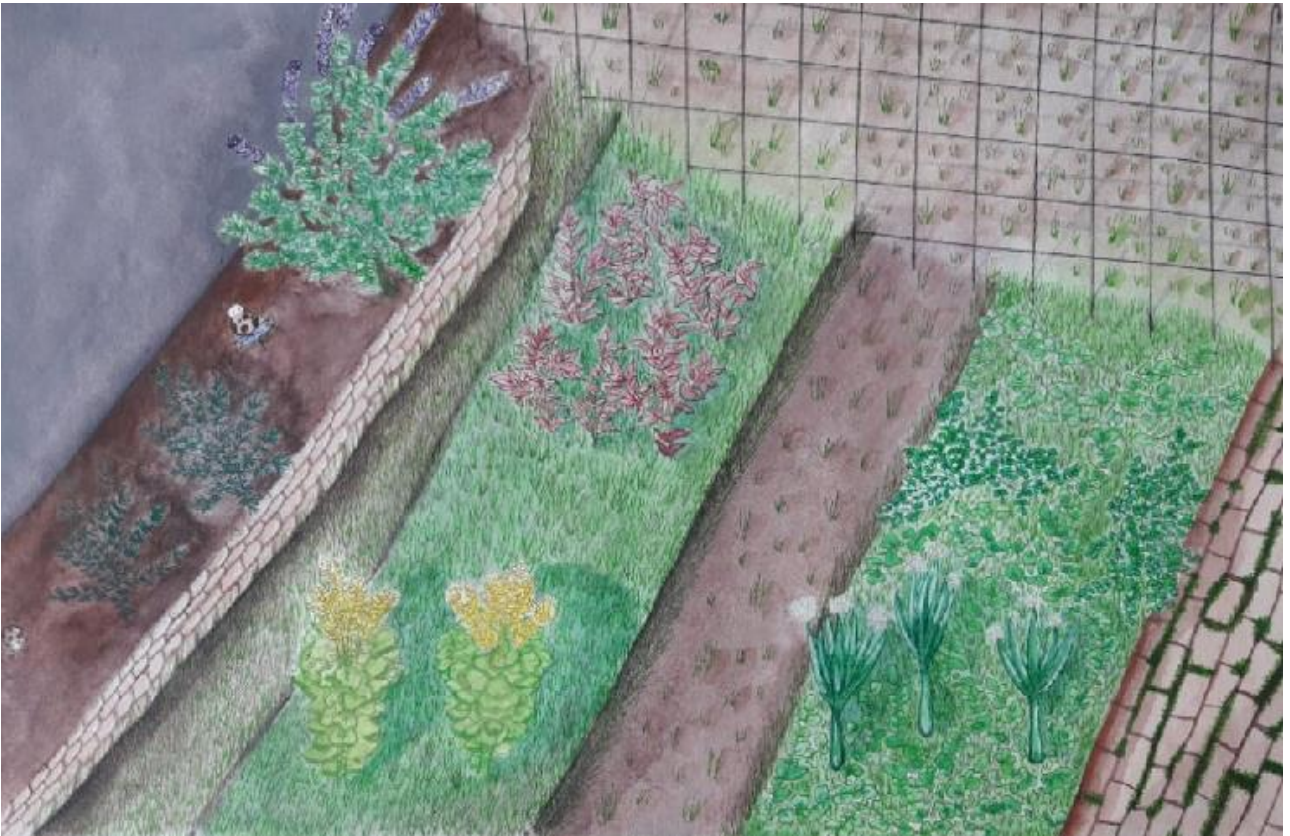
Andando tão depressa, são rápidos
Em meio a seres tão... parados?

Dia 3

Il est vert
Il est jaune
Il est brun foncé et clair
Il est... rouge
Il est comme c'était ma propre pensée
Si vite que tu ne voit pas bouger
Une sorte de pensée vivante
Ils existent pour être, pas pour avoir
Encore moins pour qu'on les possède
Ils sont à eux et sont nés pour eux
Ils sont vivants pour eux, libres
Comme tout le monde

Leticia de Oliveira





Leticia Oliveira

Da sacada avisto o quê?

Sento na varanda, tomo o café da manhã, olho o relógio e o tempo é quem pauta as ações.

Como não seria? Este que agora tem um novo significado e faz parecer que na vida se pode tudo. Eu segurava o livro de Drummond e agora tinha tempo pra escolher o poema. Hoje é 10, agosto, faltam alguns meses pro Natal e o pensamento é apenas em como a vida mudou e, embora não sem dor, agora consigo ver como o sol brilha.

Por hora penso na vida como tradução das nossas vontades, hoje é 11, agosto e os carros se encadeiam em maior quantidade. As cenas do cotidiano vistas da varanda constroem um cenário paralelo, mas, mantém o verde das árvores e o azul do céu. Eram pra eles que eu devia ter voltado os meus olhos todo esse tempo: o verde e o azul que permanecem aqui ou acolá.

Há alguns anos se me perguntassem sobre o sentido da vida teria dúvida ao responder, ainda tenho. Mas hoje, 12, agosto continuo vindo aqui com o café e o Drummond com que iniciei essa narrativa. Sim, hoje tudo é mais bonito. Hoje vejo como a cidade revela um enredo interessante, mas mais que isso, como a vida vista daqui nos dias de hoje revela algo bem mais bonito.

Que puis-je voir depuis le balcon?

Je m'assois sur le porche, je prends mon petit-déjeuner, je regarde l'horloge et le temps guide mes actions.

Comment pourrait-il en être autrement? Celui qui a maintenant un nouveau sens et donne l'impression que dans la vie tout peut être fait. J'avais le livre de Drummond et maintenant j'ai le temps de choisir un poème. Aujourd'hui, nous sommes le 10 août, Noël est dans quelques mois et je ne pense qu'à la façon dont la vie a changé et, bien que non sans douleur, je peux maintenant voir comment le soleil brille.



Pour l'instant je pense à la vie comme à la traduction de nos souhaits. Nous sommes aujourd'hui le 11 août et les voitures sont enchaînées en plus grande quantité. Les scènes quotidiennes vues depuis le balcon construisent une scène parallèle, mais gardent le vert des arbres et le bleu du ciel. C'étaient ceux vers lesquels j'aurais dû tourner les yeux tout ce temps: le vert et le bleu qui restent ici ou là.

Il y a quelques années, si vous m'interrogez sur le sens de la vie, j'aurais des doutes pour répondre, j'en ai toujours. Mais aujourd'hui, 12 août, je viens toujours ici avec le café et le Drummond avec qui j'ai commencé ce récit. Oui, aujourd'hui tout est plus beau. Aujourd'hui, je vois comment la ville révèle une intrigue intéressante, mais que le monde vu d'ici et d'aujourd'hui révèle quelque chose de beaucoup plus beau.

Lídia Kogawa



A minha hora preferida

No meu apartamento tudo é mini. Às vezes sinto que também sou. *“Um dia hei de crescer e estes espaços serão pequenos demais para mim”*. Por enquanto tudo é mini. E neste dia 7, me sento no mini tapete da sala e reparo em tudo o que se passa na mini varanda: as florezinhas, as mudinhas, as aranhinhas. Até as terrinhas caídas no chão. *“Aposto que o meu mini gato passou por lá há pouco tempo”*. O Sol cai desse lado do planeta. Cai para dar espaço aos outros espaços. Agora o Sol também se faz mini. O calor é mini. Os sons são minis. Até o vento frio entrou nessa dança dos minis. É então que tudo se torna minimamente conectado. Levanto. Sacudo os pelinhos brancos que ficaram presos na minha calça. *“O meu gato me olha, como quem zomba, sabendo que os pelinhos brancos já estão espalhados por cada fragmento de todo o recinto”*. Fecho a mini porta da varanda e digo mini palavras às minhas plantas coloridas em verde. Procuo em vão pela luz da Lua.

Anoiteceu por aqui.

No meu apartamento tudo é macro. Tudo é macro como um belo dia 8. E se virarmos este número, aí que tudo fica macro mesmo. *“Um dia hei de me encontrar nestes espaços tão imensos”*. Por ora, perco-me na infinidade de objetos que transtornam o meu olhar. Há um macro sofá feito de bambu. Uma macro cadeira branca de varanda. Um macro vaso para uma pequena planta. Um macro ventilador de teto, empoeirado e desligado há anos. Um macro caderno contendo tanta informação que logo será perdida. Um macro espelho que se esqueceu de refletir o resto dessa imensidão. O meu gato me acompanha ao dizer adeus ao Sol. *“E com um macro miado, todos os outros vizinhos gatos escutam”*. Um macro vento de repente invade a sala, ou foi a macro sala que deixou ser invadida pelo vento. É então que tudo se torna... macramente? Não. É então que tudo se torna inexplicavelmente macro conectado. E pelo som das macros passadas do vizinho de cima, ousou dizer que até ele entrou na dança. *“Se*



eu estivesse em aula, estaria brava por tanto barulho". Levanto e danço. Me lembro que não sei dançar. Mas danço. Grito palavras felizes às minhas plantas.

Anoiteceu por aqui.

No meu apartamento tudo é caos. Ele se espelha no Universo. *"Um dia hei de virar estrela e me transmutar nesse caótico cenário"*. Até lá, tento organizar a bagunça que parece ter a sua própria vida, desperdiço os tempos colocando as coisas no devido lugar. E quando olho de volta, elas já não estão mais lá. Como agora, neste dia 9 ou 10 ou 11 ou 7 de novo. Já não enxergo mais a cadeira, o sofá, as plantas, nem mesmo o tapete que me sento, pelo menos não como ontem ou como anteontem. Só enxergo a bagunça do que deixei de organizar. *"Até o meu gato corre freneticamente para combinar com o ambiente"*. As cores do Sol são alaranjadas aos meus olhos, aos poucos ela corre também. A falta de sons é perturbadora aos meus ouvidos, coloco uma música no celular então. No aleatório. *"Se há algo de bom no caos é a surpresa, a gente nunca sabe o que esperar. E se há algo de ruim, certamente é pelo mesmo motivo"*. Olho para fora e vejo todos os carros no estacionamento. Começo a contá-los, mas me perco no décimo porque um gato preto que passou correndo chamou a minha atenção. Também o perco de vista. E depois de perder as coisas que nunca tive, volto para dentro de casa.

Anoiteceu por aqui.

Maria Gabriella de Souza



Segunda-feira, 14:37

Na rua da minha casa, fica o depósito do Supermercado Semar, localizado na avenida. O movimento aqui é grande durante o dia todo. Sempre faz muito barulho e as janelas tremem exageradamente, porque aqui a rua é de paralelepípedos mal colocados, e tem muito tráfego de caminhões, e os caminhões estão sempre lotados de mercadoria. Agora é o horário depois do almoço. Motoristas, em sua maioria homens, deitam nas calçadas para aproveitar um descanso depois de se empanturrarem com as marmitas vendidas na padaria da Lilica - onde a comida é muito gostosa e fresquinha.

Como comumente observamos nas ruas das cidades, quase ninguém usa máscara. Nem eles, que acabaram de comer, e nem os moradores que saem das casas para colocar o lixo nas lixeiras, muito menos aqueles que acabaram de sair dos mercados e querem respirar fundo, como se fosse um sinal de liberdade ou algo do tipo. Uma dessas pessoas acaba de passar com seu carrinho de supermercado barulhento, me olhando feio, provavelmente se perguntando o que era tão interessante no fato de ele estar desfilando desprotegido por aí e porque eu precisaria de uma prancheta para tirar notas.

Terça-feira, 14:54

Hoje a rua está menos movimentada. Basicamente, o dia hoje foi reservado para descarregar bebidas. Caminhão da Coca-Cola, da Dolly, Minalba, etc. A Lilica não abriu a padaria hoje, porque eu liguei lá para pedir comida - precisei ficar sozinha em casa e a geladeira pifou, então não tem nada comível aqui - e ninguém me atendeu. Acho que os caminhoneiros almoçaram algum lanche do próprio mercado, porque a outra padaria próxima daqui só vende pão francês e olhe lá.

Tem um carro imundo estacionado bem na frente do portão aqui de casa. Cheio de barro, e molhado com algo que parece mais viscoso que água. Três ou quatro libélulas voam desesperadas ao seu redor, e eu imagino o que poderia ser aquele líquido duvidoso. Meu

201



vizinho, Mauro, acabou de se despedir do marido que trabalha numa autoescola. Acho que, aos poucos, esses setores estão retomando suas atividades. Ele acenou e deu as costas, tudo muito rápido. Entretanto, a Princesa, que parece mais uma neném do que um cachorro, continuou me encarando com o focinho enfiado no portão. A maioria dos caminhões já estão de saída, menos dois deles, que devem ter algum horário para cumprir.

Quarta-feira, 14:53

O céu está meio esquisito hoje. Há 2 minutos eu sentei na poltrona, de frente para a janela, e o sol batia forte, e agora não bate mais. Isso é ruim para a vizinha, que acabou de estender umas peças de roupa na varanda do sobrado. Dei “oi”, mas ela não respondeu. Ela nunca responde. Minha varanda tá cheia de folhas, porque ontem decidi ventar muito, e todo tipo de sujeira que estava na rua, agora está aqui, de frente pra mim. Ainda não tomei coragem de ir lá e varrer/lavar.

Hoje, estou aproveitando essa experiência de ficar na janela da sala observando, e estou esperando o técnico chegar para vir consertar a geladeira. Parou um cara numa bicicleta, com cara de bravo, que poderia ser porque o boné dele parecia pequeno demais para a cabeça, e aquilo deveria estar incomodando-o, mas no fim das contas, era só alguém querendo informações sobre onde ficava o Coimbra. Ele nem esperou eu terminar de explicar, e já saiu pedalando a “magrela”. Daí, chegou o senhor que veio consertar a geladeira. Ele não tinha me visto na janela, e levou um susto quando eu gritei: “O senhor que é o Rogério?”.

Melissa Buzzatto



dia um, sexta-feira, sete de agosto de dois mil e vinte, duas e cinco da tarde

Meu quintal fica no terceiro andar de um sobrado. Um terraço com paredes rosa-açai.

olho para baixo, senhoras e suas sacolas voltando do mercado, máscara nos rostos. pedestres nas calçadas, que compõem o movimento da rua ao lado dos carros ônibus caminhões motos de barulho e fumaça. na pensão da rua em frente, um senhor também observa a rua. chega uma cliente ao salão de beleza. mais adiante, no ponto de ônibus, um homem e uma mulher esperam. dois ônibus passam, um atrás do outro. o homem entra em um, a mulher em outro.

três homens esperam em frente à academia, um deles sem máscara. o dono da academia chega, estaciona seu carro e abre a porta: os homens entram.

é inverno, mas o sol da tarde é forte e o dia, abafado. o calor sufoca até mesmo as nuvens, deixando apenas um céu azul límpido cercado a paisagem.

a repetição da rua é cansativa e meu olhar vagueia para o mar de casas prédios ruas que se estende imediatamente adiante.

ao longe ouço um martelar constante vindo da construção.

mais ônibus passam, quase vazios. ainda não é horário de pico.

para o meu desconforto, o privilégio da altura do meu posto de observação também me expõe aos olhos alheios. o segurança do mercado me olha. olho de volta.

mais homens entram na academia que funciona agora de portas abaixadas.

o martelar segue, parte da sinfonia de escapamentos de moto e de um carro com som alto.

vejo uma pipa verde, solitária no seu gingado.

verde também a mata que se estende por todo o meu lado esquerdo.

verde quieta e imperturbável. inesperada.

dia dois, sábado, oito de agosto.



Minha casa é uma das quatro desse sobrado. A última casa. A mais alta.

me parece que a casa do casal de idosos da rua da frente está em reforma: ouço uma serra funcionando. os dois estão na laje, assim como eu, mas não tenho certeza se me notaram. também hoje a academia está aberta, com muitos homens lá dentro.

a invariabilidade superficial do cenário já era esperada e me força a notar os detalhes, mesmo os que não vejo. ouço com mais atenção os barulhos da avenida que corre por trás, o monotrilho que se agiganta nela.

os varais atrás de mim hoje estão cheios de roupas.

uma pomba caminha até a beira do parapeito do telhado vizinho e observa o movimento abaixo. irracionalmente, ao vê-la, me sinto menos solitária. para além dela, homens trabalham em uma construção, provavelmente uma das estruturas da estação que em breve será a última da linha onze prata.

nem todas as pessoas na rua usam máscaras. não me surpreendo.

a academia já vai fechar.

acho que hoje o sol está ainda mais forte do que ontem. minha cabeça dói e as esparsas nuvens que pontuam o céu pouco fazem para bloquear o astro principal no palco azul.

a academia fecha. todos aqueles homens saem. o salão de beleza ao lado está aberto hoje também.

uma terceira mulher se junta ao casal de idosos na varanda.

os homens que saem da academia conversam e riem alto, mas a dor de cabeça bloqueia o significado das palavras. um carro passa e buzina, pagode alto no rádio. a pomba continua no mesmo lugar.

o sol no horizonte agora me faz tão mal que não consigo mais ficar virada pra frente, como ontem. o lado esquerdo do meu rosto se queima enquanto observo a pomba. um descanso do esforço de tentar apreender tantos detalhes informações sons.

enquanto escrevo, ela levanta voo e sai do meu alcance. não se despediu.

os homens conversam mais alto (ou será a dor de cabeça me enganando?)

um deles acelera sua moto barulhenta de novo e de novo.



o casal de idosos e a mulher foram embora sem que eu percebesse e conto os segundos para poder fazer o mesmo.

dia três

É Dia dos Pais. Almocei com minha mãe e minha vó no quintal aqui de casa.

a rua é a mesma, mas não está igual. a academia está fechada, assim como o salão. quase não há movimento na rua, nem pedestres, nem carros caminhões motos. alguns ônibus.

me surpreendo ao ver que o telhado da igreja na rua da frente está cheio de tijolos. não percebi isso nos outros dias. ou talvez os tijolos não estivessem ali. não sei dizer.

pouquíssimos carros passam, mas muitos estão estacionados. conto três churrasqueiras ativas só nas casas mais próximas.

minha vó para ao meu lado e conversa comigo. comenta sobre o carro vendendo Danone ao fim da rua e depois se volta para conversar com minha mãe.

um homem sai na varanda da pensão e logo entra de novo.

passa um caminhão de limpeza urbana e uma kombi barulhenta.

o sol continua forte e inabalável, mas hoje as nuvens são maiores e mais frequentes. o céu, claro, azul.

as roupas no varal foram recolhidas.

atrás de mim, minha vó e minha mãe continuam conversando. já é o final do nosso almoço de Dia dos Pais.

o barulho alto hoje não vem de fora. é o rádio que toca dentro de casa, reproduzindo o único sucesso do Fincabaute. coisa de maluco.

hoje minha cabeça também dói.

Paloma Luiza



Regard en trois actes

Le premier jour, J'ai préparé le petit déjeuner et je me suis assise sur mon fauteuil préféré. J'ai bu du café, fort, beaucoup. J'ai mangé un morceau de gâteau à l'orange. J'ai soupiré, cela m'a soulagé. Un moment pour moi, un moment sans rien penser, sans rien faire. Je n'ai aussi rien vu. Mais... J'ai senti une présence. Ce n'était pas n'importe quelle présence. C'était vrai.

Dix minutes.

Le deuxième jour, de nouveau, la même feuille de route: rester dans mon fauteuil préféré, boire, manger, soupirer. Une chose différente, bien sûr. Il n'y a pas eu de gâteau à l'orange, mais, certainement, Il'y a eu du café, fort, beaucoup. Ce jour-là, j'ai bu plus d'expressos... Cela n'a pas été tout. Elle était là, elle m'a vu, j'ai pensé qu'elle m'avait souri et qu'elle m'avait aussi demandé "Où est ma nourriture?" Moi, cela m'a été égal, car c'était mon moment à manger. Seule. Je ne sais pas pourquoi elle était en face de moi. Cela n'était pas une idée à moi.

Dix minutes.

Le troisième jour, après avoir fait le rituel, je l'ai vu, belle, vivante. Je lui ai souri et je suis allée préparer du café, fort, beaucoup, j'ai senti son odeur. Léger. Je ne me suis pas assise sur mon fauteuil préféré, et je l'ai regardé pendant quelques minutes. Et, face-à-face, nous nous sommes dit bonjour. Elle, complètement immobile; moi un peu aussi. Elle, enracinée; moi aussi; elle, dans l'intérieur de sa maison; moi aussi; elle, en attente du soleil et du vent; moi, aussi; elle, comme un jardin verdoyant; moi... Enfin, je lui ai donné de l'eau, je lui ai souhaité "une bonne journée".

Dix minutes.

Patrícia Villarinho Lima



O quintal

Existem lugares da nossa casa que parecem possuir uma certa magia. No caso da minha, esse lugar é, sem dúvida, o quintal: é lá que as coisas mais simples e encantadoras do dia a dia acontecem.

Em um dia, eu posso estar tomando sol, olhando os carros que passam em frente a minha casa e observar momentos únicos protagonizados pelos meus dois sobrinhos. Eu posso estar tomando sol, e olhar os meus cachorros se aproximando, posso observá-los irem dormir.

Em outro dia, eu posso novamente aproveitar o sol, e ver meus sobrinhos brincando, enquanto meu irmão olha atentamente para eles. Eles brincam com pequenos brinquedos, e riem de qualquer coisa que aparentemente transformou o dia deles. Eu aproveito aquela pequena brisa, enquanto observo aquela paisagem composta por crianças, brinquedos e roupas penduradas no varal.

O quintal pode ser palco de uma reunião em família de Dia dos Pais com meus pais, meus irmãos e meus sobrinhos. Nele, eu escuto a música alta vinda do vizinho, e olho atentamente o meu irmão preparando um churrasco. É também no quintal que escuto gritos vindo de outro vizinho, enquanto olho o meu pai jogando bola com as crianças. O sol esquenta, mas eu não me importo e até aproveito.

Enfim, tudo acontece no quintal.

La cour

Il y a des endroits dans notre maison qui semblent avoir une certaine magie. Dans le cas de ma maison, cet endroit est sans doute la cour.

Un jour, je peux prendre un bain de soleil, tandis que je regarde les voitures qui passent devant ma maison, et je peux observer des moments uniques avec mes deux neveux.



Je peux prendre un bain de soleil, et regarder mes chiens s'approcher, je peux les regarder dormir.

Un autre jour, je peux profiter du soleil de nouveau et voir mes neveux jouer, pendant que mon frère les regarde tout près. Ils jouent avec de petits jouets et ils rient d'une chose qui apparemment a transformé leur journée. Je profite de la petite brise, tout en regardant ce paysage composé d'enfants, de jouets et de vêtements accrochés à la corde à linge.

La cour peut accueillir une rencontre en famille le jour de la fête des pères avec mes parents, mes frères et mes neveux. J'écoute la musique forte du voisin et je regarde attentivement mon frère préparer un barbecue. C'est aussi dans la cour que j'entends les cris d'un autre voisin, tandis que je regarde mon père jouer au ballon avec les enfants. Le soleil se réchauffe, mais je m'en fiche, et j'en profite quand même.

Enfin, tout se passe dans la cour.

Rahif Barbosa



A espera

O Thor está sobre o muro da sua casa com um colar Elizabetano. Viro a esquina, atordoada pela condução cheia em uma época em que não era para ela estar assim. Olho para ele, ele solta um “miau” bem fininho, como quem diz “Oi! Agora se acalma, você está quase em casa. Abro a porta de casa e minha gata solta um miado efusivo como quem diz “Oi mamãe, você está em casa!”.

Paro na porta antes de fechar. Olho para o Thor, olho para a Agnes. Penso: Eles sabem tudo que aconteceu no meio do caminho e tentam me acalmar. Subo as escadas, tem os pelinhos mais fofos do mundo espalhados no chão. No sofá, a Pandora balança seu rabinho efusivamente. “Mamãe, você voltou para brincarmos!”. Vou até a sacada, olho para esquina e o Thor lá, olhando para rua como quem recebe as pessoas que dobram a esquina de minha rua.

Mais um dia, perto das 18 horas dobro a esquina. Desta vez o Thor está no chão. Ele passa entre minhas pernas, como quem diz “Você chegou e preciso te dar um oi!”. Desta vez tem um amigo junto com ele. Esse felino cujo nome desconheço corre de medo. Logo esqueço novamente de tudo que aconteceu. O medo, ao ver a porta de minha casa some. Lá não tem pandemia, tem duas meninas me esperando. Abro a porta... cadê a Agnes?

Ela corre da cozinha para sala como quem diz “Desculpe mamãe, estava tomando água na torneira e não te vi chegar!”. A Pandora, escondida debaixo de seu “lençolzinho” preferido, sai e balança seu rabinho. Volto para a sacada novamente e o Thor está correndo na pracinha com seu amiguinho.

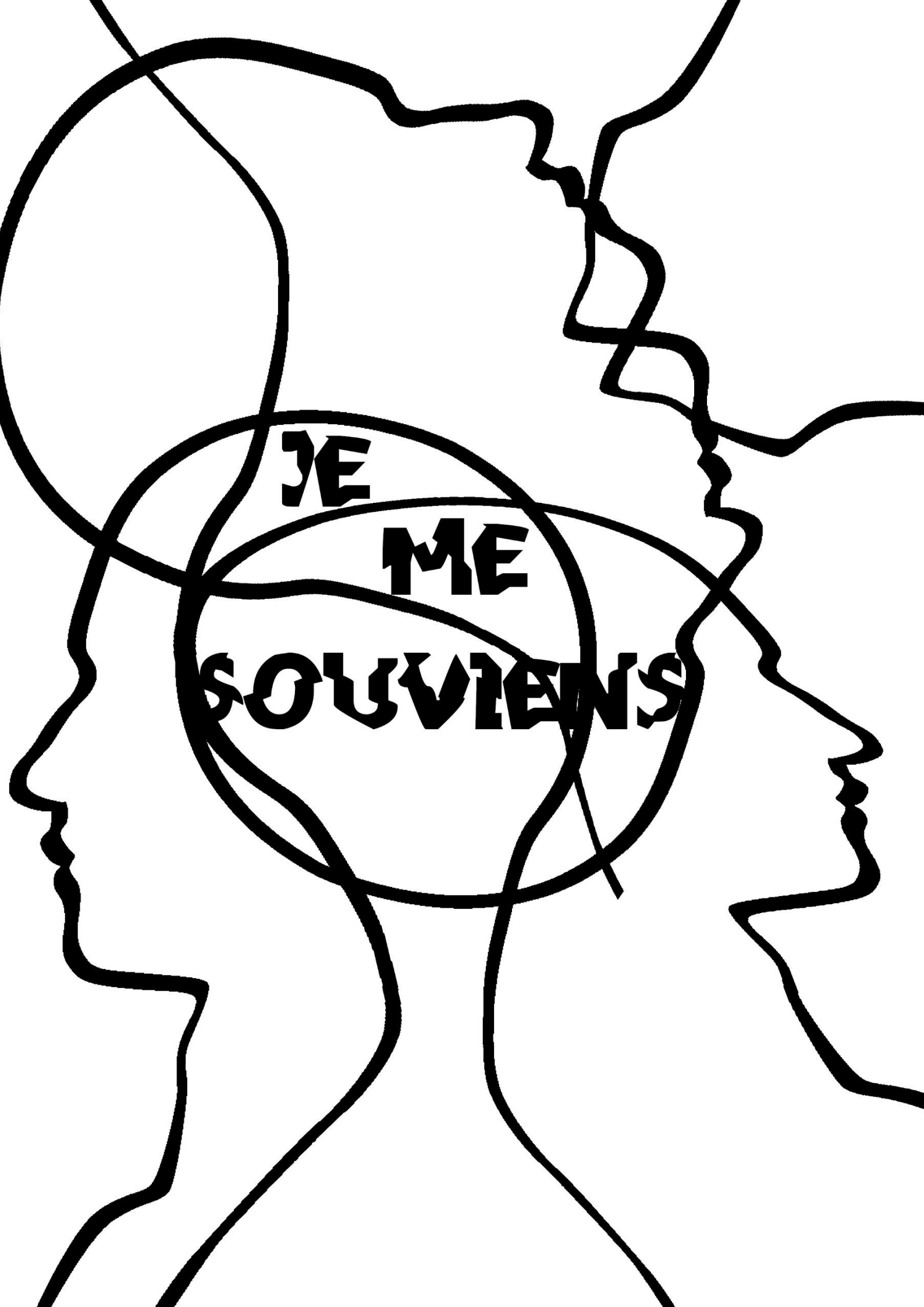
No outro dia, atrasei. Problemas no metrô... Pensei: “O Thor não vai estar lá, perdi a hora!”. Vejo a esquina da minha casa. Nada do Thor. Chego na esquina, quem está na porta da minha casa? O Thor! Sem o colar, agora, ele vem e mia, mia muito. Antes de abrir a porta, escuto a Agnes miando. “Mãe! Não faça carinho neste gato, eu estou aqui!”. Abro a porta e ela pula em minhas costas, uma mistura de repressão com muito amor. Pandorinha não está no



sofá. Ao invés de ir para a sacada vou para a cozinha. Viro o cômodo, ela pula em minhas pernas. Lavo minhas mãos e faço bastante carinho. Vou para a sacada, o Thor me olha lá debaixo como quem diz: “Mais um dia humana, amanhã estou aqui para te acalmar desse mundo tão insólito...”.

Renata Rabelo de Castro





JE

ME

SOUVIENS

Je me souviens de l'année 2000 et de la peur de la fin du monde.
Je me souviens de mes filles qui jouaient sur le tapis toute la matinée.
Je me souviens de la pluie dans la fenêtre.
Je me souviens du bruit des enfants devant la rue.
Je me souviens de la table, seulement de la table grande noir, où nous restions ensemble pour le dîner.
Je me souviens de la couleur bleue mélangée au ciel.
Je me souviens toujours de ton regard.
Je me souviens du dimanche, jour du Seigneur, l'Éternel. L'église était notre moment de joie!
Je me souviens, quand je m'asseyais sous l'*ipê* jaune et le soleil brillait en haut.
Je me souviens de l'arôme de tous les soirs quand mes frères prenaient le thé avec mes parents.

Abigail Pereira



Mes souvenirs

Eu me lembro das músicas que ouvia na minha infância. E das propagandas dos comerciais de tevê.

Je me souviens de quand nous nous sommes rencontrés. J'ai pensé que tu étais ennuyeux.

Eu me lembro da criança arteira, falante e dançarina que fui.

Je me souviens du cinq décembre deux mille treize. Je me souviens de ton étreinte.

Eu me lembro do almoço de domingo e da família reunida na casa da minha avó. E sempre que eu como a comida que ela faz, eu me lembro do gosto do amor.

Je me souviens de la "saudade" qui me tient compagnie tous les jours et je ne peux pas écrire ce mot dans une autre langue. Aucune langue n'est capable de traduire la *saudade* que je ressens de toi.

Eu me lembro da professora Simone, foi ela quem me alfabetizou. Eu me lembro da emoção de minha mãe quando me ouviu ler pela primeira vez.

Je me souviens du voyage que j'ai fait seule cette année. En bus. Soixante heures. Après six ans sans te voir. Par amour.

Eu me lembro de quando, na sexta série, durante um trabalho em grupo, um coleguinha me entregou uma tesoura pontuda e enorme que tinha acabado de ser amolada para que eu cortasse papel crepom. O resultado? Uma cicatriz na perna, de um ferimento que quase rompeu o ligamento do meu joelho direito, mas que foi estancado com band-aid.

Je me souviens de João Pessoa, de nous deux, de toutes les choses différentes que nous avons fait ensemble pendant onze jours.

Eu me lembro das aulas de francês no centro de línguas, onde tudo começou. Eu me lembro de descobrir que sou muito boa no tiro com arco e do Thiago dizendo que aprendeu a atirar com os índios.

Je me souviens de la sensation de me promener à la plage avec toi. Je me souviens de sentir le sable mouillé sous mes pieds.



Eu me lembro de quando entrei na faculdade. Eu me lembro dos primeiros versos do primeiro canto da Odisseia.

Je me souviens de l'accueil transbordant d'affection et joie de mon chien quand je suis arrivée de mon voyage. Ça m'a rendu très heureuse.

Eu me lembro do curso que fiz na APFESP, quando conheci a Lucia e a Márcia. Mal poderia imaginar que no ano seguinte faria parte da monitoria de língua francesa sob coordenação delas.

Je me souviens de notre amour en temps de pandémie.

Eu me lembro do primeiro ateliê de música e francofonia que ministrei com a Larissa.

Je me souviens de la douleur de l'adieu. Je me souviens de nos pleurs à l'aéroport.

Eu me lembro de como me senti quando dei a minha primeira aula de francês para a Manuela. Ganhei um pain au chocolat de boas vindas.

Je me souviens de ce que je n'ai jamais oublié.

Bruna Spinola de Oliveira



Oui, je me souviens

Je me souviens de toutes les maisons que j'ai quittées.

Je me souviens de gagner mon premier chat et aujourd'hui j'en ai sept autres.

Je me souviens de la dernière fois que j'ai parlé à ma meilleure amie.

Je me souviens de l'odeur sur la route pour aller à Ourinhos.

Je me souviens quand je sortais avec mes amis, je voulais que ces jours reviennent.

Je me souviens de ma première crise d'angoisse.

Je me souviens chaque jour que la bouche de l'enfer me manque.

Je me souviens de tout le temps perdu dans ma chambre.

Je me souviens du petit déjeuner sur la Via Nazionale

Je me souviens que mes parents passaient des jours à préparer la fête de Noël.

Camila Mônaco



Eu me lembro...

Je me souviens...

1

Eu me lembro do Fábio do primário ir embora por uma ruazinha por onde eu nunca passava, pois minha casa era para o lado oposto.

Je me souviens de Fábio, celui de l'école primaire, en train de partir dans une petite rue par où je ne passais jamais, car ma maison était dans l'autre sens.

2

Eu me lembro de andar metros à frente de minha mãe enquanto ela falava coisa que eu não queria ouvir.

Je me souviens de marcher des mètres devant ma mère lors qu'elle parlait de choses que je ne voulais pas écouter.

3

Eu me lembro de quando o Igor e eu andávamos de bicicleta dando as mãos pela nossa rua e de como parecíamos pequenos exploradores do mundo.

Je me souviens de quand Igor et moi nous faisons du vélo dans notre rue en nous donnant les mains et comme on ressemblait à de petits explorateurs du monde.



4

Eu me lembro de assistir *Os sem floresta* em uma sala de cinema improvisada quando eu era criança.

Je me souviens de regarder le film *Nos voisins, les hommes* dans une salle de cinéma improvisée quand j'étais petite.

5

Eu me lembro de ir ao teatro Padre Bento em Guarulhos e me encantar mais com o prédio do que com a apresentação, e de como tudo parecia grande e imponente diante de uma criança.

Je me souviens d'aller au théâtre Padre Bento à Guarulhos et d'être plus captivée par le bâtiment que par les spectacles et de comment tout était grand et imposant face à moi enfant.

6

Eu me lembro de compartilhar a solidão e o silêncio com meu pai numa tarde de domingo quando só estávamos ele e eu em casa.

Je me souviens de partager la solitude et le silence avec mon père un dimanche après-midi quand nous étions seuls chez nous.

7

Eu me lembro da Larine lendo em voz alta para mim algum volume da saga *Crepúsculo* quando eu ia dormir na casa dela. Éramos medrosas, mas ela sempre soube lidar com o medo.



Uma vez ela me contou que em sua antiga casa havia o espírito de uma mulher e todos da família sabiam e conviviam com aquilo. Eu a achava muito corajosa.

Je me souviens d'Iarine qui lisait en voix haute pour moi un des volumes de la saga *Crépuscule* quand je dormais chez elle. Nous étions peureuses, mais elle a toujours su gérer la peur. Une fois elle m'a raconté que dans son ancienne maison il y avait l'esprit d'une femme et toute sa famille le savait et vivait avec cela. Je l'ai trouvée bien courageuse.

8

Eu me lembro de ficar em silêncio depois que a Esther me disse que eu não entenderia, pois minha mãe e eu éramos afastadas.

Je me souviens de rester en silence après qu'Esther m'a dit que je ne comprendrais pas car ma mère et moi n'étions pas proches.

9

Eu me lembro de amar ir à escola, da minha boneca com cheiro de uva, de fazer cabanas e da calma dos dias nublados.

Je me souviens d'aimer aller à l'école, de ma poupée à l'odeur de raisin, de faire des cabanes et de la quiétude des jours nuageux.

10

Eu me lembro de ouvir o Saulo dizer “E esse suspiro profundo?” depois do nosso primeiro beijo.



Je me souviens d'entendre Saulo dire « Et ce souffle profond? » après que nous nous sommes embrassés pour la première fois.

11

Eu me lembro de *A mulher do vizinho* de Fernando Sabino, livro que me fez iniciar o acúmulo de livros.

Je me souviens de *A mulher do vizinho* de Fernando Sabino, livre qui m'a fait démarrer l'accumulation de livres.

12

Eu me lembro de não ter amigos imaginários.

Je me souviens de ne pas avoir des amis imaginaires.

Claire Silva de Souza



Souvenirs d'une éternelle nostalgique

Je me souviens de la première sensation d'exister

Eu me lembro da primeira sensação de existir.

Je me souviens de l'odeur de mes parents quand j'étais petite.

Eu me lembro do cheiro que meus pais tinham em minha infância.

Je me souviens de la taille de mon frère et de la couleur des cheveux de Vicky.

Elle était mon amie imaginaire.

Eu me lembro da estatura de meu irmão e da cor de cabelo de Vicky. Ela era minha amiga imaginária.

Je me souviens des mains noires de ma grand-mère maternelle et du regard indigène de ma grand-mère paternelle.

Eu me lembro das mãos negras de minha avó materna, e do olhar indígena da paterna.

Je me souviens de mon premier baiser: Camila.

Eu me lembro de meu primeiro beijo: Camila.

Je me souviens avec amour et avec haine de mon premier amour.

Eu me lembro com amor e com ódio de meu primeiro amor.

Je me souviens d'essayer de me mouler.

Eu me lembro de tentar me amoldar.

Je me souviens de ma boîte à goûter (le goût du jus de groseille).



Eu me lembro de minha lancheira infantil (o gosto do suco de groselha).

Je me souviens des après-midi où je jouais et dansais avec mes cousins et cousines pendant les vacances scolaires.

Eu me lembro das tardes brincando e dançando com minhas primas e primos nas férias escolares.

Je me souviens de l'air salin bahianais, l'énergie afro-bahianaise qui inonde mon être depuis 99 et tressaille mes jours jusqu'à aujourd'hui.

Eu me lembro da maresia baiana, a energia afro-brasileira que inunda o meu ser desde 99 e arrepia os meus dias até hoje

Damali Cristiana dos Santos Moreira



Je me souviens des deux rides qui marquaient ses yeux profonds à chaque fois qu'il devenait timide.

Eu lembro que você tinha um olhar calmo e falso.

Je me souviens de ma deuxième classe, ça sentait les crayons de couleur.

Eu me lembro de deixar minha mochila pendurada e tentar abri-la sem ouvir o barulho do zíper, parecia mágico abrir a mochila em silêncio.

Je me souviens de la maison de Bela. La rue était faite de pierres, la maison était froide, confortable. Une famille y vivait: Bela, Fafá, Marina et Momô.

Eu me lembro da casa cheirando café, bolo e de acordar alegre. Eu lembro que eu passava uma semana com eles e com o Antônio, meu irmão. Fafá era uma criança doce, Marina uma mãe de colo quente, Momô um pai que chorava de amor e a Bela, ah, a Bela era minha amiga.

Je me souviens de la douce odeur d'huile d'amande sur le corps de ma mère.

Eu me lembro do suéter do “piu piu e frajola” da minha mãe.

Je me souviens des cheveux chanel de ma sœur, la fossette unilatérale que ses joues rebondies formaient toujours.

Eu me lembro da Rua Alfenas, onde fui irmã pela primeira vez.

Je me souviens quand Beto m'a rencontré pour la première fois chez lui. J'avais oublié d'éteindre la lampe avant de m'endormir.

Beto não me conhecia, mas por zelo passou pelo corredor onde estava meu quarto para conferir se eu estava bem e apagou as luzes do abajur.



Beto ne se souvient pas qu'il a éteint les lampes. Mais je me souviens parce que je ne m'étais pas vraiment endormie.

Eu me lembro de não conhecer a Rita, irmã do Beto, mesmo assim dormi em seu quarto, em sua cama.

Je me souviens quand je suis tombée amoureuse de Beto. Je me souviens que c'était deux ans après qu'il a éteint la lampe.

Débora Elize Kogawa



Eu me lembro?

Je me souviens, pour un motif quelconque, d'avoir déjà écrit ce texte.

Je me souviens d'avoir oublié mon prénom.

Je me souviens que demain je dois me réveiller plus tôt.

Je me souviens de toutes les bouches que j'ai embrassées.

Je me souviens d'une conversation, dans un espace fumeur, sur l'invasion extraterrestre.

Je me souviens les nuits sans dormir avec mes amis dans la ville, sans faire rien d'autre que boire.

Je me souviens que je criais ma grand-mère tous les matins pour qu'elle ouvre la porte pour moi.

Je me souviens des arbres tombés après une grosse tempête.

Je me souviens la première fois que j'ai vu un ordinateur.

Je me souviens d'une couverture jaune.

Je me souviens de "*Ich warte schon ne Ewigkeit/ Endlich ist es jetzt so weit*".

Je me souviens de ton oeil fermé au clair de la lune.



Je me souviens d'avoir pleuré et pleuré jusqu'à être à bout de souffle.

Je me souviens de la cassette verte de *Le Roi Lion* et de louer plus de dix fois *Blanche-Neige et les sept nains*.

Je me souviens du *Faune endormi* de Vincenzo.

Je me souviens d'avoir appris l'alphabet mais ne pas être capable de l'écrire.

Eu me lembro da ardência da pimenta enchendo minha boca após um *tutu*.

Eu me lembro dos ovos jogados em todos os aniversariantes após o sinal de saída da escola.

Eu me lembro da banda Calypso.

Eu me lembro do chute mais alto do meu pai.

Eu me lembro de ralar o joelho e não poder usar calças por duas semanas.

Eu me lembro de sempre esquecer alguma coisa, por mais banal que fosse.

Eu me lembro de esperar.

Eu me lembro das minhas lágrimas quando Maud morreu no romance de Ken Follet.

Eu me lembro de dormir na calçada em uma noite fria.



Eu me lembro dos bordados cintilantes que fiz no ateliê da Rua Turiassú 471.

Eu me lembro de explorar o casarão e criar histórias para ele.

Eu me lembro do último episódio de *Sakura Card Captors* antes de ir para escola.

Eu me lembro do meu amigo Patrick.

Eu me lembro quando fui atacado por uma joaninha.

Eu me lembro de tomar vinho com a rolha que caiu dentro.

Eu me lembro das tintas misturadas sem cor nenhuma.

Eu me lembro do que tinha esquecido até agora.

Eu me lembro...

Ghustavo Muniz



Eu me lembro do bolo embrulhado no papel alumínio.

Eu me lembro do cheiro de desodorante.

Eu me lembro dos gritos e da morte.

Eu me lembro da dor na barriga durante o riso.

Eu me lembro do gosto do cigarro depois do recreio.

Eu me lembro do violão e do vinho na praça.

Eu me lembro do colo.

Eu me lembro das aventuras de bicicleta no Ibirapuera.

Eu me lembro da insistência do truço.

Eu me lembro do cheiro do metrô depois do adeus.

Je me souviens de mon premier sarau.

Je me souviens de mon graffiti.

Je me souviens de mes amis dans l'escalier.

Je me souviens des vins.

Je me souviens des cigarettes.

Je me souviens des chansons et des voix.

Je me souviens des visages.



Je me souviens des vitres givrées.

Je me souviens des noms.

Je me souviens de moi.

Ingrid Aparecida Peixoto de Borba



1

Eu me lembro das idas para a praia no meio da madrugada.

2

Eu me lembro do bolero tocando.

3

Eu me lembro do livro de capa rosa, da menina das bolinhas de sabão.

4

Eu me lembro de “te amo tanto que até dói”.

5

Eu me lembro que o amor doía.

6

Eu me lembro do medo.

7

Eu me lembro da fome.



8

Eu me lembro de que “a providência virá do Senhor”.

9

Eu me lembro de mentir, eu não comprei lanche na escola, eu guardei o dinheiro para poder ir ao cinema.

10

Eu me lembro de não ligar pros meninos. Todas as minhas amigas ligavam.

11

Eu me lembro da Fefa e como ela quebrou meu coração. Logo em seguida, eu quebrei o dela.

12

Eu me lembro da raiva.

13

Eu me lembro da minha coleção de bonecas. Um dia minha mãe decidiu que eu era muito grande pra brincar e deu tudo pra uma amiga dela. Mais velha que eu e mais velha que ela.

230



14

Eu me lembro de quando a minha irmã chegou.

15

Eu me lembro do meu pai tocando ursinho pimpão no violão.

16

Eu me lembro das histórias antes de dormir da minha vó.

17

Eu me lembro a primeira vez que vi a neve.

18

Eu me lembro a primeira vez que enterrei um amigo de infância.

19

Eu me lembro de ter que ser forte, da madrugada toda no hospital Perola Byington.

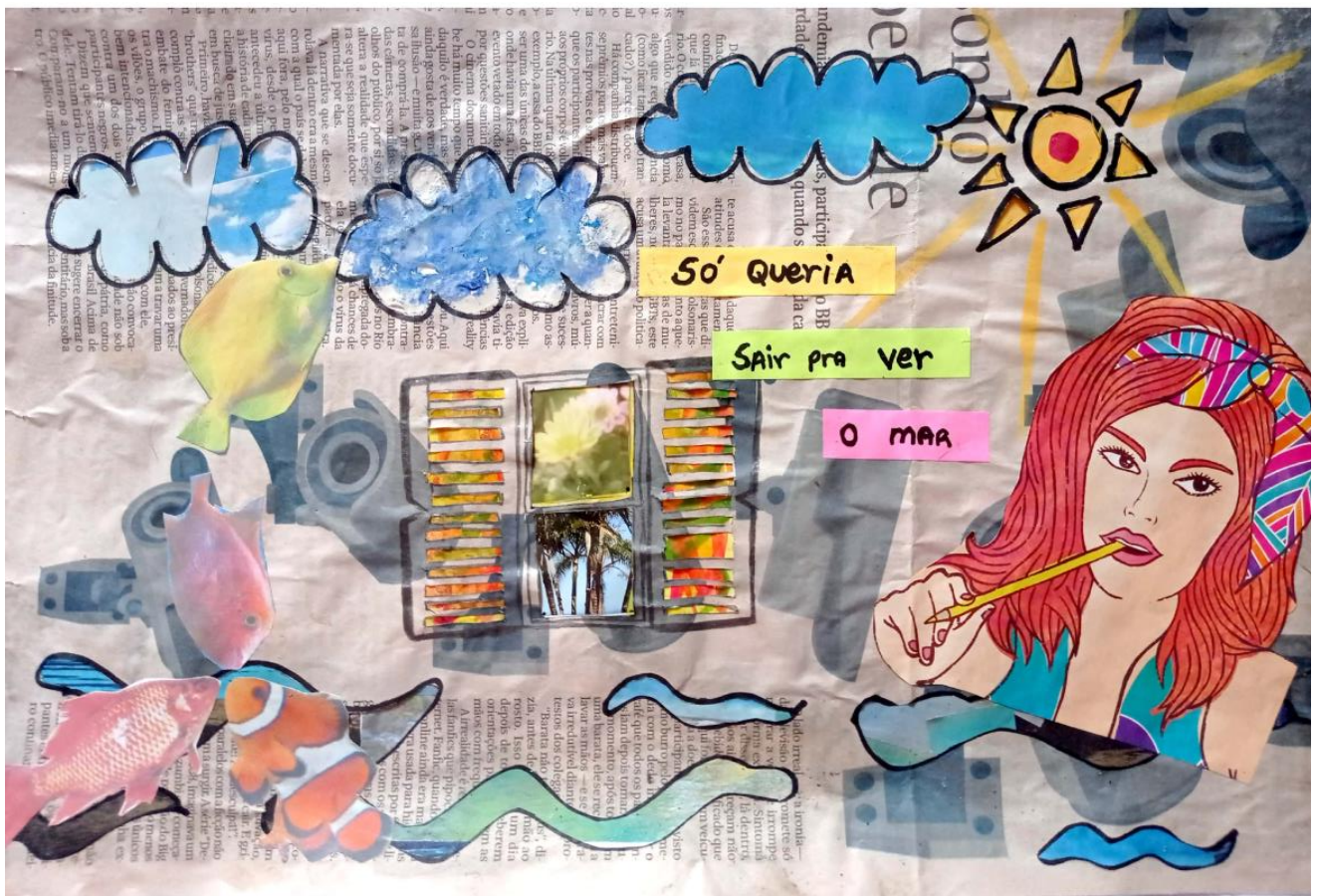
20

Eu me lembro dos dias em que era dolorido acordar.

Larissa Scariel

231





Larissa Scariel

232

1

Je me souviens des voyages à la plage au milieu de la nuit.

2

Je me souviens du boléro qui jouait.

3

Je me souviens du livre rose, de la jeune fille des petites bulles de savons.

4

Je me souviens de “je t’aime tellement que ça me fait du mal”.

5

Je me souviens que l’amour fait du mal.

6

Je me souviens de la peur.

7

Je me souviens de la faim.



8

Je me souviens que “la providence viendra du Seigneur”.

9

Je me souviens de mentir, je n’achetais pas le goûter à l’école, je gardais de l’argent pour pouvoir aller au cinéma.

10

Je me souviens ne pas me soucier des garçons. Toutes mes amies s’en souciaient.

11

Je me souviens de la Fefa et comment elle m’a brisé le coeur. Peu de temps après, c’est moi qui a brisé son coeur.

12

Je me souviens la colère.

13

Je me souviens ma collection de poupées. Un jour ma mère a décidé que j’étais trop grande pour jouer avec elles et les a toutes données à une amie. Plus âgée que moi et plus âgée qu’elle.

234



14

Je me souviens de quand ma soeur est arrivée.

15

Je me souviens quand mon père jouait *Ursinho pimpão* à la guitare.

16

Je me souviens des histoires de ma grand-mère au coucher.

17

Je me souviens la première fois que j'ai vu la neige.

18

Je me souviens la première fois que j'ai enterré un ami d'enfance.

19

Je me souviens d'avoir dû être forte, toute la matinée à l'hôpital Perola Byington.

20

Je me souviens des jours où c'était douloureux de me réveiller.

235



Larissa Scariel

Je me souviens des jours froids où je pouvais manquer l'école .

Je me souviens du son agréable et endormi de l'inhalateur.

Je me souviens des bandes dessinées de la *Turma da Mônica*.

Je me souviens des histoires à colorier.

Je me souviens d'avoir gagné un vélo que je n'ai jamais guidé parce que je n'ai pas appris à guider.

Je me souviens de ne pas avoir de chien car je suis asthmatique.

Je me souviens de la plupart des chambres d'hôpital dans lesquelles j'ai été.

Je me souviens d'avoir ramené à la maison un chiot que j'ai trouvé dans la rue. Mon père m'a permis de le garder car j'avais de bonnes notes à l'école. Son nom était Thor.

Je me souviens d'avoir regardé des dessins animés toute l'après-midi.

Je me souviens d'avoir parlé à des amis imaginaires. "Bartolito".

Eu me lembro de assistir *Manuelita* até o DVD estragar.

Eu me lembro de brincar de "Três espãs demais" com minhas amigas gêmeas, e usarmos grãos de feijão no ouvido como escutas.

236



Eu me lembro de não poder pintar as unhas de vermelho porque “é adulto demais”.

Eu me lembro de “se comporte como uma mocinha”.

Eu me lembro de chorar para pentear os cabelos.

Eu me lembro de passar horas nos balanços do parquinho com minha melhor amiga.

Eu me lembro de quando meu primo Gabriel me deixou sozinha no pátio do condomínio, depois de sugerir de brincar de esconde-esconde.

Eu me lembro da música *Coragem* que minha mãe cantava quando eu ia tomar injeções.

Eu me lembro de pedir uma irmã como quem pedia um brinquedo.

Eu me lembro de “ganhar’ uma irmã, e me arrepender de ter pedido. Ou não...

Letícia de Oliveira



Eu me lembro...

Eu me lembro dos dias em que jogava ping pong no horário da aula.

Eu me lembro de escrever cartas.

Eu me lembro de brincar de Barbie.

Eu me lembro de ir encontrar minha mãe quando ela apontava na esquina voltando do trabalho.

Eu me lembro de dançar a música das Chiquititas.

Eu me lembro de ir pro clube com os meus tios.

Eu me lembro de quando chorava na escola.

Eu me lembro que gostava de sapos.

Eu me lembro de cantar com os meus irmãos.

Eu me lembro do café da praça.

Je me souviens...

Je me souviens des jours où je courais sous la pluie.

Je me souviens avoir voulu épouser Jack Chan.

Je me souviens de détester le gras dans la viande.



Je me souviens de courir devant ma mère jusqu'au prochain angle pour qu'elle me rejoigne.

Je me souviens d'avoir attendu vendredi pour louer des films et d'avoir mis plusieurs jours pour y revenir.

Je me souviens d'écouter Dire Straits à la radio.

Je me souviens de chanter des louanges à l'église.

Je me souviens de l'odeur de la dame de la nuit quand je m'asseyais sur le tabouret devant la maison avec ma mère.

Je me souviens de jouer à me battre avec mes frères (et avoir été battue).

Je me souviens m'être réveillé avec les voix de ma famille et de m'être immédiatement levée pour participer à la conversation.

Lídia Kogawa



Eu me lembro da minha boneca Daniele, que tinha quase o dobro da minha altura, e que servia de travesseiro todas as manhãs quando eu ia assistir desenhos na TV.

Je me souviens de ma poupée Daniele, qui faisait presque deux fois ma taille, et qui servait d'oreiller tous les matins quand j'allais regarder des dessins animés à la télévision.

Eu me lembro de comprar Cornetto todo dia, no final do dia, nas férias na praia.

Je me souviens d'acheter des Cornetto tous les jours, à la fin de la journée, pendant les vacances à la plage.

Eu me lembro de imitar RBD com as minhas primas, e sempre querer ser a Roberta, a Mia, e a Lupita, tudo ao mesmo tempo.

Je me souviens d'imiter RBD avec mes cousins, et vouloir toujours être Roberta, Mia, et Lupita toutes en même temps.

Eu me lembro de passar maquiagem de criança na minha avó e deixá-la parecendo uma palhaça.

Je me souviens avoir fait du maquillage d'enfant sur ma grand-mère: on dirait un clown.

Eu me lembro de tentar aprender a andar de bicicleta e cair dentro de um bueiro.

Je me souviens d'avoir essayé d'apprendre à faire du vélo et de tomber dans un égoût.



Eu me lembro de fazer meu primeiro strogonoff e colocar muita pimenta. Todos comeram com um sorriso no rosto e elogiaram, mas estavam sofrendo em silêncio.

Je me souviens quand j'ai fait mon premier strogonoff et j'y ai mis trop de poivre. Tout le monde a mangé avec un sourire au visage et m'a félicité, mais ils souffraient tous en silence.

Eu me lembro de amar interpretar as letras das músicas de Sandy & Junior.

Je me souviens d'aimer interpréter les paroles des chansons de Sandy-Junior.

Eu me lembro de beijar pela primeira vez e chorar, pois parecia que eu estava mastigando uma meia.

Je me souviens d'embrasser pour la première fois et avoir pleuré parce qu'il semblait que je mâchais une chaussette.

Eu me lembro de viajar para França sem saber falar francês e passar muita vergonha em diversas ocasiões.

Je me souviens d'avoir voyagé en France sans savoir parler français, et d'avoir eu beaucoup de honte à plusieurs reprises.

Eu me lembro do dia em que eu descobri que o Papai Noel não existe. Nem liguei, porque ganhei de Natal a boneca que eu queria.

Je me souviens du jour où j'ai découvert que le Père Noël n'existait pas. Je n'ai pas fait cas parce que j'ai eu la poupée que je voulais à Noël.

Melissa Buzzatto

241



Eu me lembro do meu primeiro dia na escola, e de como eu chorei.

Eu me lembro de quando eu me perdi no pequeno quarteirão da minha infância.

Eu me lembro do período em que minha mãe esteve doente, e de como os seus gritos de dor me fizeram ter medo de perdê-la.

Eu me lembro da vez em que me senti estranho por ir no parque e não saber andar de bicicleta.

Eu me lembro do meu incômodo com a calmaria do interior.

Eu me lembro das pipas que sempre caíam no meu quintal.

Eu me lembro das primeiras histórias de *Turma da Mônica* que eu li.

Eu me lembro de todas as profissões que pensava em ter quando eu era criança: Jornalista, Engenheiro, Jogador de Futebol e Professor.

Eu me lembro da noite em que não dormi assistindo *O Exorcista*.

Eu me lembro de quando ouvia barulhos no vizinho de cima do apartamento em que morava, mesmo quando sabia que não tinha ninguém.

Je me souviens des sept chiens que j'ai déjà eu.

Je me souviens de la première fois où j'ai écouté *Clube da Esquina*.

Je me souviens quand ils me faisaient embrasser le sol.

Je me souviens des crabes vendus dans les rues de Porto Velho.

Je me souviens quand je dormais en écoutant du Chopin, grâce à mon oncle.



Je me souviens quand je me suis rendu compte que ce n'était pas seulement quand nous sommes amoureux que les papillons envahissent notre estomac.

Je me souviens de quand les piscines et les mers sont devenues mes ennemis.

Je me souviens des voyages à Rio de Janeiro, de l'odeur de la plage et de l'amour qui y vivaient.

Je me souviens que l'histoire de Céline et Jesse m'a enchanté.

Je me souviens de l'époque où je pensais que le virtuel pouvait surpasser le réel.

Rahif Barbosa



Eu me lembro...

Eu me lembro de pedir café para minha mãe quando criança
Eu me lembro de como aquele café era maravilhoso
Eu me lembro do gostinho da comida da minha avó
Eu me lembro do cheirinho do frango assado de meu pai
Eu me lembro de brincar com minha irmã até adormecer
Eu me lembro de ir para escola e como amava estudar
Eu me lembro da infância ficando cada vez mais distante
Eu me lembro das pessoas que fui perdendo no caminho
Eu me lembro daquela menina tão alegre e doce
Eu me lembro de me perder
Mas ainda sim, eu me lembro que aquela menina ainda mora dentro de mim.

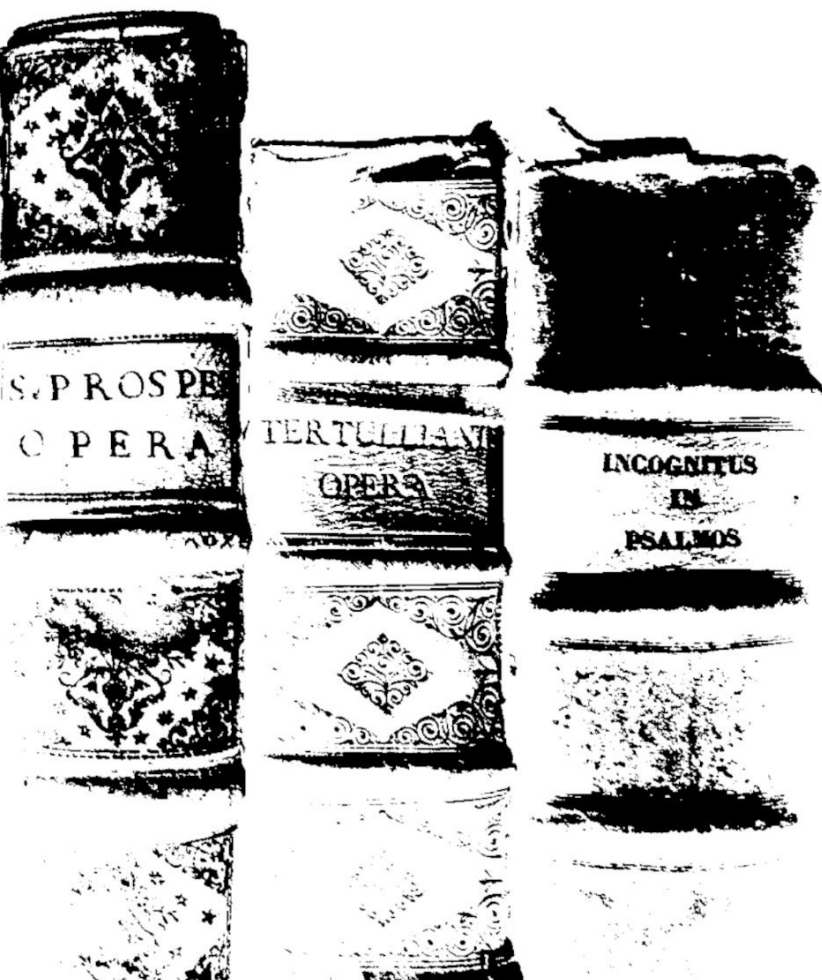
Je me souviens...

Je me souviens combien la vie était simple
Je me souviens du moment exact où il a fallu la compliquer
Je me souviens des pièces perdues dans la vie
Je me souviens combien de fois elle a été remontée
Je me souviens combien de fois je me suis levée
Je me souviens combien de fois j'ai dû être forte
Je me souviens des fois où j'ai oublié la douleur
Je me souviens de quand je me suis rendue compte qu'en moi il n'y avait que
de l'amour
Je me souviens d'avoir surmonté tout ce qui était mauvais
Je me souviens avoir vécu, en tout cas.





LES INVENTAIRES



Ce que je pense quand je pense en loups

Les Prédateurs
Minuit
Les hurlements longs et froids
Les nuages très loin de la lune
La pleine Lune
La clarté jaune
La bête de Gévaudan
Le rouge sanglant
Les histoires pour enfants
Les films d'épouvante
Le *Canis lupus*
La beauté
Je n'ai jamais vu un loup dans ma vie.

Ce que je pense quand je pense au froid

Le Vent
Le voile glacial dans mes cheveux
Une plaie qui ouvre la poitrine et fait couler la chaleur du corps
Un coup de vent
Le coup qui fait les intestins tourner autour d'eux-mêmes et des organes
S'approcher les uns des autres, pour ce que ça fasse plus tiède dedans
Sentir le frémissement des jambes, et les muscles qui se secouent entièrement
Les dents qui se serrent incessamment
Le désir de fermer les yeux à force



Ceindre le corps avec les bras pour que tout le froid dans le dos cesse
Les lèvres complètement détruites
Une brûlure et des blessures
Être laissée dehors
Ne pas être là

Ana Beatriz de Brito



choses qui augmentent des mondes

l'écoute
la patience
l'endurance
la curiosité
l'hydratation
essayer sans peur
regarder dedans
voir dedans
regarder dehors
voir dehors

choses qui diminuent des mondes

la mocquerie
le dédain
l'envie
des plaintes
la gueule de bois
la maladie
l'impatience
l'étroitesse
la cécité
l'ignorance de soi

Ana Cláudia Romano Ribeiro

248



Des choses que je ne veux pas oublier

De la salle d'embarquement,
mon passeport dans ma poche et mon lourd bagage à main,
explorer la chambre d'hôtel,
le goût du petit déjeuner,
prendre une photo cachée au Vatican,
les ruines de chaque coin,
les boissons glacées à l'extérieur de la fenêtre,
tenir ta main sur un autre continent,
écouter *Echoes* à Pompéi, et m'éblouir avec un volcan,
l'odeur de la cigarette et le goût de vin de Porto,
la boîte à son sur la table jaune du bar,
les chèvres face à ma chambre à Évora,
le coucher du soleil à Cascais, voir les vagues dans la mer agitée en hiver,
un bagage plein et un rouleau de photos,
je me sens enfin chez moi,
la promesse de revenir.

Les choses que je veux oublier

L'odeur du brûlé,
le bruit des bus circulant à 5 heures du matin,
le bruit des enfants en fin d'après-midi
le vide de ma chambre,
mon bus est le dernier à arriver et je suis seule dans la rue,
quand ma maison a cessé de ressembler à une maison,
quand j'ai dû déménager,



tout ce que j'ai laissé derrière moi.

Camila Mônaco

LES CHOSES QUE L'ON AIME PARFOIS FONT PARTIE DE NOUS

J'aime le français dans la bouche de Zahia Dehar dans le film *Une fille facile*.
J'aime boire du vin toute seule avec les pieds en chaussettes sur le canapé.
Je n'aime pas les films d'action, mais j'aime les regarder avec mon père.
J'aime laver mes cheveux et m'habiller avec des vêtements inhabituels.
J'aime me réveiller à côté de mon amour n'importe quel dimanche.
J'aime griller le pain, le mettre sur une serviette, frire l'oeuf dans le même poêle, mettre du fromage dessus, l'attendre fondre et après, manger.
J'aime les tasses en porcelaine blanche avec du café noir à l'intérieur.
J'aime quand je danse sans musique dans ma chambre devant le miroir.
J'aime les livres que je n'ai pas lus.
J'aime la quiétude pour penser. J'aime les fêtes pour danser sans penser.
J'aime les illustrations où l'on voit l'intérieur d'une maison très confortable avec une décoration romantique.
J'aime écouter la radio.
J'aime faire de longs voyages en voiture.
J'aime marcher toute seule.

LES CHOSES QUE L'ON N'AIME PAS TOUJOURS FONT PARTIE DE NOUS

Je n'aime pas quand il me pose de questions que, clairement, je ne sais pas répondre.
Je n'aime pas les restes des boissons chaudes qui sont froides.
Je n'aime pas rester désolée tout à coup.

250



Je n'aime pas le manque de compétence pour les choses mondaines.
Je n'aime pas le sommeil l'après-midi et l'éveil la nuit.
Je n'aime pas l'ignorance.
Je n'aime pas quand on dit que l'anglais est indispensable à la vie.
Je n'aime pas les annonces dites par une personne qui parle trop vite.
Je n'aime pas quand l'eau touche les miettes de pain sur l'évier.
Je n'aime pas les poils longs de mon chien, surtout quand je les vois partout.
Je n'aime pas les piles de linges lorsqu'elles ne sont pas mises à laver.

Claire Silva de Souza



Une liste qui a été perdue

L'écran, le désir, les pensées tordues, tout ce que ma rétine peut refléter, les clics, les liens, la chaleur de la base, les fils mélangés comme s'ils venaient de se réveiller, tous les pixels, les chiffres, les lettres, les annonces indésirables, les chansons que je viens de découvrir, le cadre en plastique, la carte mère qui n'a pas nécessairement d'enfants, les fusiliers, le réseau électrique qui peut transporter au cerveau des choses que je ne peux pas décrire, les touches qui de temps en temps se confondent dans ma tête, le néant de la page en blanc, tout ce que la page peut être, l'erreur 404, l'écran bleu, la vibration de certains personnes qui appellent, les conversations existentielles qui n'ont jamais existé, le virus, qui sont en fait plusieurs, les programmes qui ont été programmés par quelqu'un d'autre, toutes nos données qui sont volées sans que nous sachions que c'est pour ça que nous gagnons des choses qui nous rendent malades jour après jour, l'imagination, l'utopique, le dystopique, le numérique, l'électronique, le nouvel organique.

Ghustavo Muniz



As coisas na parte de dentro

Um universo particular. Órgãos, funcionando como uma orquestra. O coração que é o mestre e o cérebro, cuidando da logística do espaço, quantidade limite de sentimentos e pessoas vivendo com o mestre, no coração. Veias, sangue, batimentos, circulações. Lembranças, angústias, a ansiedade. Tudo o que é. Tudo o que foi. O que poderia ser. O que nunca poderia ser e tudo o que nunca será. Aromas e sabores. A vontade de viver e a vontade de morrer. A digestão. O que serve? O que não serve? A formação do bolo, com tudo que não coube na digestão, tudo que não tocava bem junto com o resto da orquestra. Expelir, expelir e expelir. Até parar de fazer parte de dentro e ir fazer parte do mundo.

Des choses à l'intérieur

Un univers particulier. Des organes qui fonctionnent comme un orchestre. Le coeur qui est le maître et le cerveau, qui s'occupe de la logistique de l'espace, quantité limité de sentiments et de personnes vivant avec le maître, dans le cœur. Des veines, du sang, des battements, des circulations. Des souvenirs, des angoisses, des soucis. Tout ce qui est. Tout ce qui s'est passé. Tout ce qui pourrait être. Tout ce qui ne pourrait jamais être et tout ce qui ne sera jamais. Des arômes et des saveurs. La volonté de vivre et la volonté de mourir. La digestion. Qu'est-ce qui sert? Qu'est ce qui ne sert pas? La formation du gâteau, avec tout ce qui ne rentre pas dans la digestion, tout qui ne joue pas bien avec le reste de l'orchestre. Expulser, expulser et expulser. Jusqu'à arrêter de faire partie de l'intérieur et aller faire partie du monde.

As coisas do mundo

Esgoto a céu aberto, a poluição, as queimadas. A polícia genocida, espalha sangue nas calçadas irregulares da periferia. A água que sai das nossas torneiras, pagamos por ela.

253



Pagamos pra ter uma casa. Pagamos pra poder plantar e pra poder comer. Pagamos pelo luxo. Pagamos pelo celular da maçã da Eva, que nos traz status social e nos tira a paz. A paz, no mundo, é das coisas que moram em suas brechas. Não se pode pagar pelas coisas que moram nas brechas. A trilha do caminho pra cachoeira. Encontrar um filhote de beija-flor no quintal. Tomar banho de chuva na lama. Descobrir no meio do mato frutinhas que soltam tinta e brincar de se pintar. A imensidão do que nos diz o céu. Os planetas que aparecem quando querem e produzem um espetáculo no nosso céu.

Les choses du monde

Égout à ciel ouvert, pollution, feux. La police génocide recouvre de sang le trottoir irrégulier de la périphérie. L'eau qui sort de nos robinets, nous la payons. Nous payons pour avoir une maison. Nous payons pour pouvoir planter et pour pouvoir manger. Nous payons pour le luxe. Nous payons pour le portable de la pomme d'Eva, qui nous augmente notre statut social mais qui nous éloigne de la paix. La paix, dans le monde, c'est une des choses qui habitent dans les brèches. On ne peut pas payer pour les choses qui habitent dans les brèches. Le sentier du chemin vers la cascade. Trouver un bébé colibri dans la cour. Prendre une douche de pluie dans la boue. Découvrir au milieu de la brousse des fruits qui libèrent une espèce d'encre et jouer à la peinture. L'immensité de ce qui nous dit le ciel. Les planètes qui apparaissent quand ils veulent et font un spectacle dans notre ciel.

As coisas de outro mundo

Ter um segundo sol no céu. Ter um planeta que dorme com você, na mesma cama. Congelar o tempo. Fotos que se mexem. Gatos que respondem. Carros que voam. O jeito que ela me olha. A democracia. Corpos de luz. Viagem no tempo. Portais. As fadas e as sereias. O humanismo. Os dinossauros e os posicionamentos políticos conservadores. A família tradicional. Sobrar dinheiro no fim do mês. A objetificação das pessoas. Os olhos que

254



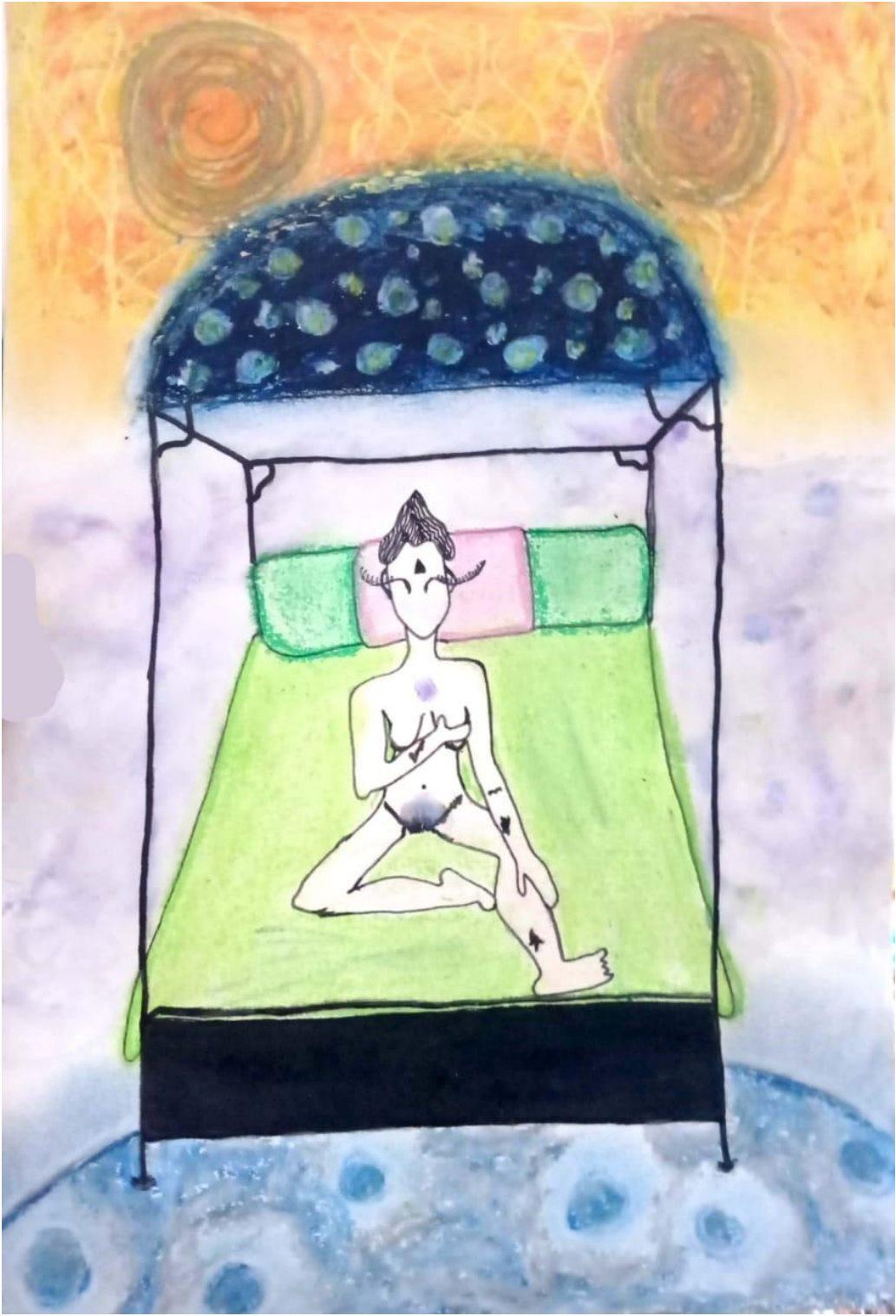
invisibilizam a fome. A cura nas ervas, o Tupi e o Guarani. O saci, a Yara e a Cuca. O Castelo Rá-Tim-Bum e o Etevaldo, que um dia viaja de volta pra casa, em uma passagem linda e iluminada. As estrelas o carregam, assim como carregaram meu amigo, o indiozinho.

Des choses d'un autre monde

Avoir un deuxième soleil dans le ciel. Avoir une planète qui dort avec toi, dans le même lit. Congeler le temps. Des photographies qui se bougent. Des chats qui répondent. Des voitures qui volent. La façon dont elle me regarde. La démocratie. Les corps légers. Voyage dans le temps. Le portails. Les fées et les sirènes. L'humanisme. Le dinosaures et les positions politiques conservatrices. La famille traditionnelle. L'argent qui reste à la fin du mois. L'objectivation des personnes. Les yeux qui rendent la faim invisible. Guérison à base de plantes, le Tupi et le Guaraní. Le saci, l'Yara et la Cuca. Le Château Rá-Tim-Bum et l'Etevaldo, qui un jour est rentré à la maison, dans un passage magnifique et éclairé. Porté par les étoiles qui un jour ont porté mon ami, le petit Indien.

Larissa Scariel





Larissa Scariel

O que não podemos ser à vista do mundo mas quase sempre somos mesmo assim

Poetas sem rimas
Gênios sem grandes ideias
Idólatras sem deuses
Amantes sem amores
Leitores sem livros
Alegres sem sorrisos
Humanos sem liberdade
Empáticos e pecadores
Independentes emocionalmente e dependentes financeiramente
Inteligentes e pobres
Amar e não ser amado(a)
Criativos para ajudar e não para ganhar
Cuidados com a vida e descuidados com as coisas
Amadores em ter e precisos em ser
Sozinhos e felizes
Juntos e infelizes
Animais sem animais
Muito doadores e pouco compradores
A vida que temos e as coisas que somos basta.
E uma lista do que podemos ou não podemos ser.
Somos muitas coisas que quase nunca podemos ser... ou podemos.

Nous ne pouvons pas être à la vue du monde mais nous le sommes presque toujours

Des poètes sans rime
Des génies sans de grandes idées
Des idolâtres sans dieux

257



Des amants sans amour
Des lecteurs sans livres
Heureux sans sourire
Des humains sans liberté
Empathiques et pécheurs
L'indépendance émotionnelle et la dépendance financière
Intelligents et pauvres
Aimer et ne pas être aimé
Créatifs pour aider, pas pour gagner
Soigneux envers la vie et négligents envers les choses
Amateurs de l'avoir et précis dans l'être
Seuls et heureux
Ensemble et malheureux
Des animaux sans animaux
Trop donateurs et pas assez acheteurs
La vie que nous avons et les choses que nous sommes nous suffisent.
Et une liste de ce que nous pouvons ou ne pouvons pas être.
Nous sommes beaucoup de choses que nous ne pouvons presque jamais être...
ou que nous pouvons être.

Letícia de Oliveira



J'aime

Eu amo a chuva / J'adore la pluie
Eu amo o sol / J'aime le soleil
Eu amo a grama / J'aime l'herbe
Eu amo pudim / J'adore le flan
Eu amo música / J'aime la musique
Eu amo filmes / J'aime les films
Eu amo deitar / J'aime m'allonger
Eu amo leite quente / J'aime le lait chaud
Eu amo escrever / J'adore écrire
Eu amo sorvete / J'adore la glace
Eu amo arroz / J'aime le riz
Eu amo o instante / J'aime l'instant
Eu amo o início / J'aime le début
Eu amo o agora / J'aime maintenant
E também amo o depois / Et j'aime aussi l'après
Amo o que amo também amo o que não amo / J'aime ce que j'aime j'aime aussi
ce que je n'aime pas
Amo tudo isso e não lembro quando amei / J'adore tout cela et je ne me
souviens pas quand j'ai adoré

Lídia Kogawa



J'aime

Les jours sombres et nuageux
L'odeur de la poussière qui monte quand la pluie est sur le point de tomber
Et l'odeur de la terre humide quand l'eau touche le sol
Le bruit de la machine à écrire quand je change de ligne
À deux heures de l'après-midi, sieste lorsque la journée est froide
Le poulet stroganoff de ma mère et la façon dont il est particulièrement épicé
Les chansons romantiques de Djavan
Faire le ménage en écoutant la musique romantique de Djavan
L'odeur de ma tarte aux pommes, et le goût aussi
Les merveilleux biscuits de mon petit ami
Le sentiment de terminer une tâche à temps
et le sentiment de le faire avec excellence
L'excitation matinale du chien quand il me voit, même si je n'ai quitté la
maison pendant 5 minutes pour acheter du pain

J'aime pas

La voix des personnes qui parlent trop fort
La façon dont je perds rapidement patience avec ces personnes
Les ragots de ceux qui n'ont rien d'intéressant dans leur propre vie
Les journées chaudes et sèches
Les plages bondées en période de pandémie
Les personnes qui n'aiment pas les chiots
La salade de feuilles vertes que je dois manger pour rester en bonne santé
Les chansons de *sertanejo* qui me gênent quand j'écoute les chansons
romantiques de Djavan



Melissa Buzzatto

Choses qui me font sentir vivant

L'odeur d'un petit déjeuner
Marcher pour discuter avec mon stress et rentrer chez moi en riant
Bavarder avec mes amis
Jaser avec mon petit ami
Dialoguer avec moi même
Et pleurer pour toutes les raisons du monde.

Choses qui me font ressentir la vie

Marcher pied nus dans l'herbe
Écouter les bruits autour de moi
Rester assis dans une ballade et rester calme
Remarquer de petits détails
Faire une petite grande découverte
Sentir la chaleur
L'intimité
Le vent que d'autres soufflent
La mer
Son bisou
Et toutes les nuits quand je marche dans la rue vide

Mercúrio Barali

261



Choses que l'on doit oublier après 10 heures du soir, tous les jours
Coisas que devemos esquecer depois das 22 horas, todos os dias.

On doit oublier qu'on se réveille à 6 heures du matin.
Devemos nos esquecer de que acordamos às seis horas da manhã.

On doit oublier qu'on n'a pas préparé le petit déjeuner pour les enfants.
Devemos nos esquecer de que não preparamos o café da manhã para as crianças.

On doit oublier qu'on n'a pas fait un baiser avant de partir de chez nous.
Devemos nos esquecer de que não demos um beijo.

On doit oublier qu'on n'a pas dit "à plus tard" aux enfants à la porte de l'école.
Devemos nos esquecer de que não dissemos "até logo" aos filhos na porta da escola.

On doit oublier la mauvaise humeur du patron.
Devemos nos esquecer do mal humor do chefe.

On doit oublier qu'on n'a pas remercié le café offert par un ami.
Devemos nos esquecer de que não agradecemos o café servido pelo amigo.

On doit oublier la journée de travail épuisante.
Devemos nos esquecer do trabalho exaustivo.



On doit oublier qu'on n'a pas demandé aux enfants comment a été la journée à l'école.

Devemos nos esquecer de que não perguntamos aos filhos sobre como foi o dia na escola.

On doit oublier qu'on n'a pas préparé le dîner pour les enfants.

Devemos nos esquecer de que não preparamos o jantar para os filhos.

On doit oublier qu'on a mangé n'importe quoi sans parler de notre journée.

Devemos nos esquecer de que jantamos qualquer coisa sem comentarmos sobre o nosso dia.

On doit oublier qu'on n'a pas souri aujourd'hui.

Devemos nos esquecer de que não sorrimos hoje.

On doit oublier qu'on s'est oublié, car il est 10 heures de la nuit.

Devemos nos esquecer de que nos esquecemos de nós mesmos, pois são 22 horas.

Patrícia Villarinho Lima



Eu amo

a maçã, o tomate, o morango,
o cheiro de pão caseiro, do bolo de cenoura feito pela minha mãe,
as coisas que são feitas com amor,
os dias ensolarados, a brisa da praia,
os fins de semana que posso reunir os meus amigos para falar com eles sobre
as vezes que fui infeliz,
a justiça social, o marxismo,
ser Latino-Americano,
a amplitude da vida,
a música brasileira dos anos 70 (Milton, Borges, Gilberto e Caetano),
o hip-hop, as canções que me fazem pensar no mundo em que eu habito,
as músicas que falam por mim,
as possibilidades de um primeiro encontro,
as lembranças de um amor que marcou,
São Paulo e os seus prédios,
os filmes com Juliette Binoche e Julianne Moore,
as coisas bonitas que definem o meu ser,
etc.

Eu detesto

as comidas gordurosas,
o cheiro que indica quando algo está estragado,
a certeza da morte,
o neoliberalismo (pise neles, é o que eu sempre digo),
o conservadorismo,
a ausência de opinião,



a arte como um produto vazio,
atender o telefone,
o rumo que a humanidade tomou,
quando algo bom se torna uma lembrança dolorida,
pensar na minha adolescência, pensar nos meus traumas,
o fim,
etc.

J'aime

la pomme, la tomate, la fraise,
l'odeur du pain artisanal, du gâteau aux carottes préparé par ma mère,
les choses qui se font avec amour,
les jours ensoleillés, la brise de la plage,
les week-ends où je peux réunir mes amis pour parler avec eux sur les fois
où j'ai été malheureux,
la justice sociale, le marxisme,
être latino-américain,
l'ampleur de la vie,
la musique brésilienne des années 70 (Milton, Borges, Gilberto, Caetano),
le hip-hop, les chansons que me font penser sur le monde où j'habite,
les chansons qui parlent pour moi,
les possibilités du premier rendez-vous, les souvenirs de l'amour qui a marqué,
São Paulo et ses bâtiments,
les films avec Juliette Binoche et Julianne Moore,
les belles choses qui définissent mon être,
etc.



Je déteste

les aliments gras,
l'odeur qui indique quand quelque chose est périmée,
la certitude de la mort,
le néo-libéralisme (écrase-les, c'est que je dis toujours),
le conservatisme,
l'absence d'opinion,
l'art comme un produit vide,
répondre au téléphone,
la direction que l'humanité a pris,
lorsque quelque bonne chose devient un souvenir douloureux,
penser à mes années adolescentes, penser à mes traumatismes,
la fin,
etc.

Rahif Barbosa



Eu amo, eu odeio, eu escolho, eu me lembro...

Eu amo gatos
Eu amo cachorros
Eu amo um zoológico em casa
Eu amo azeitona
Eu amo o amor
Eu odeio brigas
Eu odeio maldade
Eu odeio ser mal
Eu odeio jaca
Eu odeio falta de amor
Eu escolho o que eu quero ser
Eu escolho fazer o bem
Eu escolho viver
Eu escolho amar
Eu me lembro da felicidade de ser criança
Eu me lembro de todos os gatos que já tive
Eu me lembro do abraço do meu pai
Eu me lembro do seu amor
E assim
Eu me lembro de ser amor
Eu me lembro de tentar ser amor
O máximo que puder
Eu me lembro do que aprendi
Eu me lembro de ser sempre feliz
Eu me lembro de saber que sofrerei
Mas me lembro que sendo amor
Me lembrarei de viver!



J'aime, Je n'aime pas, je choisis, je me souviens...

J'aime les chats
J'aime les chiens
J'aime un zoo à la maison
J'aime les olives
J'aime l'amour
Je n'aime pas les bagarres
Je n'aime pas le mal
Je n'aime pas être mauvais
Je n'aime pas le jacquier
Je n'aime pas le manque d'amour
Je choisis ce que je veux être
Je choisis de faire le bien
Je choisis de vivre
Je choisis d'aimer
Je me souviens du bonheur d'être un enfant
Je me souviens de tous les chats que j'ai eus
Je me souviens de l'étreinte de mon père
Je me souviens de ton amour
Et donc
Je me souviens d'avoir été amoureuse
Je me souviens d'avoir essayé d'être l'amour
Autant que possible
Je me souviens de ce que j'ai appris
Je me souviens d'avoir toujours été heureux
Je me souviens avoir su que je souffrirai
Mais je me souviens d'avoir été l'amour



POÉMAS FONDOS

I

Je suis pâmée de
Rencontrer ton corps trop tard
DouceMENT aimée

(Haikai composé en fondant le sonnet VII de Louise Labé)

II

Je crois avoir plaisir
jamais il dure, mon amour
ma joie est tourment

(Haikai composé en fondant le sonnet VIII de Louise Labé)

III

Dans mon lit: la nuit
Mon sein plein de vérité
Si j'ai désiré...

(Haikai composé en fondant le sonnet IX de Louise Labé)



IV

Dames, estimez:
J'ai aimé mille douleurs
Consumé par Amour

(Haikai composé en fondant le sonnet XXIII de Louise Labé)

Claire Silva de Souza



I

Aux excréments:

J'ai bu avec mon coeur sombre,
moi, triste comme l'air.

(Haikai composé en fondant l'"Oraison du soir" de Arthur Rimbaud)

II

Mon coeur obscur
Pleuré descend céleste
Mon rêve et mon âme

(Haikai composé en fondant l'"L'Idole, Sonnet du Trou du Cul", de Arthur Rimbaud et Paul Verlaine)

III

Mondes étranges
Les silences, ombre colère
Autour sang, sans les cruelles

(Haikai composé en fondant "Voyelles" de Arthur Rimbaud)



IV

O Mal perfume
Me inferna, me devora
Tudo apodrece

(Haikai composé en fondant le "15# FAUNA POLITOPHAGA" de Pedro Marques)

V

Em graves eras
Cai minha outra vida
Choro em alma

(Haikai composé en fondant "Lágrimas Ocultas" de Florbela Espanca)

Ghustavo Muniz



I

A aurora
De tuas unhas, de teus risos
As sombras de mim: ando faminto do que é teu

(Haikai composé en fondant le sonnet XI de Pablo Neruda)

II

Amantes de nada
Entrelaça-se
Ao existir

(Haikai composé en fondant "Destrição", sonnet de Carlos Drummond de Andrade)

Ingrid Aparecida Peixoto de Borba



I

Amor
Tu e eu
Juntos

Amour
Toi et moi
Proches

(Haikai composé en fondant le sonnet "Amor" de Pablo Neruda)

II

Salve a paz vertiginosa
Viva o repouso estrelado
sem-fim

Salut la paix vertigineuse
Vive le repos étoilé
interminable

(Haikai composé en fondant le sonnet LIII de Pablo Neruda)

Larissa Scariel

275



I

Qui changeant à mon naturel langage c'est cruel
me détient misérable et un servage.
Barbares langues? nul égalé tu
ne se peut faire entendre.
changer nos langages naturelles
est cruel
nul est barbare comme toi

(Haikai retiré de « Les Regrets » sonnet de Joachim Du Bellay)

II

Em espírito, que é feito de ágata e metal
teu corpo elétrico se embriaga de prazer
minha mão nadando-lhe sutil
um perfume, amável como seu olhar.

(Haikai retiré de « Le chat » sonet de Charles Baudelaire. Tradução de Jamil Almansur Haddad)

Letícia de Oliveira



I.

longs soupirs
maintes sources
rivières de vaines passions

II.

oeil félon
larmes dangereuses
mon cœur est tourmenté

III.

prédit naufrage
triste aventure
quand si orage?

IV.

hasard favorable
qui rend l'âme
en un temps estimé

Lucas Soares Araujo



I

Coração quase
mudo, morto, partido.
Quero esquecer.

O pensamento
distante, assim vivo —
quase sem querer.

Vivo ao meio.
Sinto, quero e procuro.
Me perco de mim.

(Haikais compostos en fondant “Ser Ou Não Ser”, sonnet de José Bonifácio)



II

Le chant antique
des Dieux dans les grottes.
Solitaire, j'entends.

Les vers appellent,
profond(e)s et obscurs.
À moi, ils chantaient.

L'ombre de la mort,
dont vers antique amusait —
insulte les Dieux.

(Haikai composé en fondant "Hélène", sonnet de Paul Valéry)

Paloma Luiza



I

Ao que se vive,
ao tudo que me derramar,
amor imortal.

(Haikai composé en fondant le "Soneto da Fidelidade" de Vinícius de Moraes)

II

Je connais le tout,
les yeux de mon bizarre,
ma froide folie.

(Haikai composé en fondant le "Sonnet d'automne" de Charles Baudelaire)

Rahif Barbosa



I

Do riso fez-se o pranto
Da paixão o drama
Sozinho, distante, errante

(Haikai composé en fondant le "Soneto da separação" de Vinicius de Moraes)

II

Le vent mystérieux, l'a jeté bas
Et des pensers mélancoliques
Au-dessus des débris

(Haikai composé en fondant "L'amour par terre", sonnet de Paul Verlaine)

Renata Rabelo de Castro



SONNETS



Cheveus yeus bruns
tant de soupirs pour
noires nuits atendues

(Haikai composé en fondant le sonnet II de Louise Labé en français ancien)

des soupirs et larmes inhumaines
feus a engendrer des celestes
lumieres pour mes peines vaines

(Haikai composé en fondant le sonnet III de Louise Labé en français ancien)

Plus de plaisir, plus de cruauté
en cœur plus tourmenté
je vois les jardins pleins de beauté

(Haikai composé en fondant le sonnet XI de Louise Labé en français ancien)

la figure de triste nature
prédit: orage. Et vents cruels
si loin que le Ciel

(Haikai composé en fondant le sonnet XX de Louise Labé en français ancien)

Ana Beatriz de Brito

283



Larmes destournez,
et nuit tristes sur mon coeur,
n'en est noirs desirs.

(Haikai composé en fondant le sonnet II de Louise Labé en français ancien)

Tristes célestes,
dépité qu'un Amour.
Inhumaines en désirs.

(Haikai composé en fondant le sonnet III de Louise Labé en français ancien)

Cruel feu de mort,
rien ne termine mon coeur.
Ma ruïne de penser.

(Haikai composé en fondant le sonnet IV de Louise Labé en français ancien)

Le retour d'un Astre.
Mes yeux, son oeil plus perdu.
Seule sur l'Aurore.

(Haikai composé en fondant le sonnet VI de Louise Labé en français ancien)



Et on voit mourir.
Je suis part du hazard.
Me sauver le corps.

(Haikai composé en fondant le sonnet VII de Louise Labé en français ancien)

Je brûle la vie
de tourment plaisir, peine.
J'endure, je meurs.

(Haikai composé en fondant le sonnet VIII de Louise Labé en français ancien)

Toi incontinent,
le désiré, retiré,
de tendre sommeil.

(Haikai composé en fondant le sonnet IX de Louise Labé en français ancien)

Vertu d'un vert,
enflammer les arbres,
de nul rocs.

(Haikai composé en fondant le sonnet X de Louise Labé en français ancien)



Les flèches contraires,
dangereuses tourmentées.
Mon ardeur s'antan.

(Haikai composé en fondant le sonnet XI de Louise Labé en français ancien)

Soudain mes soupirs,
souvent soupirer.
Mal lamentable.

(Haikai composé en fondant le sonnet XII de Louise Labé en français ancien)

J'étois comme mourant,
La tempeste ne m'eneschoit.
Vivant l'un l'autre.

(Haikai composé en fondant le sonnet XIII de Louise Labé en français ancien)

L'heure ne pouvant plus,
mes larmes ne voulaient rien,
ma mort peut mourir.

(Haikai composé en fondant le sonnet XIV de Louise Labé en français ancien)



Murmurer le soleil.
Honorar les nymphes.
Sommeil merveille.

(Haikai composé en fondant le sonnet XV de Louise Labé en français ancien)

Desserre l'Océan,
eau et flamme arrosée.
Quand tems fait le tems.

(Haikai composé en fondant le sonnet XVI de Louise Labé en français ancien)

Nouvel moymesme,
solitaire, loin j'aperçois,
contraindre désir.

(Haikai composé en fondant le sonnet XVII de Louise Labé en français ancien)

Toujours et autres
quelque folie m'en rendray.
Moy, mal et vivant.

(Haikai composé en fondant le sonnet XVIII de Louise Labé en français ancien)



J'allois sans flesches,
sans bresches et estonnée,
après de ton tirant.

(Haikai composé en fondant le sonnet XIX de Louise Labé en français ancien)

Naufrage, destins,
ciel horrible et triste.
Mon aventure.

(Haikai composé en fondant le sonnet XX de Louise Labé en français ancien)

Ghustavo Muniz



Ô désirs, ô espérances
Ô soupirs, ô larmes
De celestes lumières

Amour. Moi. Une plaie

(Haikai composé en fondant le sonnet III de Louise Labé)

Le corps, l'âme bien-aimée.
Ton corps.
Cette rencontre, grâce amiable.

(Haikai composé en fondant le sonnet VII de Louise Labé)

En mois premier malheur,
je me brûle, j'ai chaud, je ris,
je larmoie, je sèche, je verdoie.

(Haikai composé en fondant le sonnet VIII de Louise Labé)

Ô nuit! Mon triste esprit s'en va
aspiré ... plein de tranquillité,
en mensonge et en vérité.

(Haikai composé en fondant le sonnet retiré du sonnet IX de Louise Labé)

Larissa Scariel



Desejos tristes
nenhum pedaço resta
por tantos lados

(Haikai composé en fondant le sonnet III de Louise Labé dans la traduction de Sergio Duarte)

A alma sutil
E a parte mais gentil
Engano hostil

(Haikai composé en fondant le sonnet VII de Louise Labé dans la traduction de Sergio Duarte)

Vivo e morro
Meu caminho é claro
Choro e me rio

(Haikai composé en fondant le sonnet VIII de Louise Labé dans la traduction de Sergio Duarte)

Qual a música?
Não quero dar resposta
Faz melhor, cantor?

(Haikai composé en fondant le sonnet XXI de Louise Labé dans la traduction de Sergio Duarte)

Lídia Kogawa

290



Desejos vãos, perdidas esperanças
Crueldade e dureza,afiadas lanças
Nenhum pedaço resta, nova ferida.

(Poème composé en fondant le sonnet III de Louise Labé dans la traduction de Sergio Duarte)

Je vis, je meurs; je me brûle et me noie;
chaud extrême en endurant froidure
plus de douleur, crois ma joie être certaine

(Poème composé en fondant le sonnet VIII de Louise Labé)

Larmes épandre, sanglots et soupirs résister
ma voix, peu faire entendre
impuissante, mort noircir

(Poème composé en fondant le sonnet XIV de Louise Labé)

Baise, rebaise-moi et baise
baisers tant heureux, notre aise
double vie, donner contentement

(Poème composé en fondant le sonnet XVIII de Louise Labé)

Nayara S. Amancio



L'âme voit mourir
toute chose aimée et estimée
qui longtemps doucement part.

(Haikai composé en fondant le sonnet VII de Louise Labé)

J'ai désiré la vie,
ainsi je me brûle et me noie
en extrême plaisir, douleur et malheur.

(Haikai composé en fondant le sonnet VIII de Louise Labé)

Où tout commence,
j'ai mon pauvre esprit
et ma triste vérité.

(Haikai composé en fondant le sonnet IX de Louise Labé)

Mes larmes pour regretter,
ce rien de tes yeux
que je souhaite comprendre.

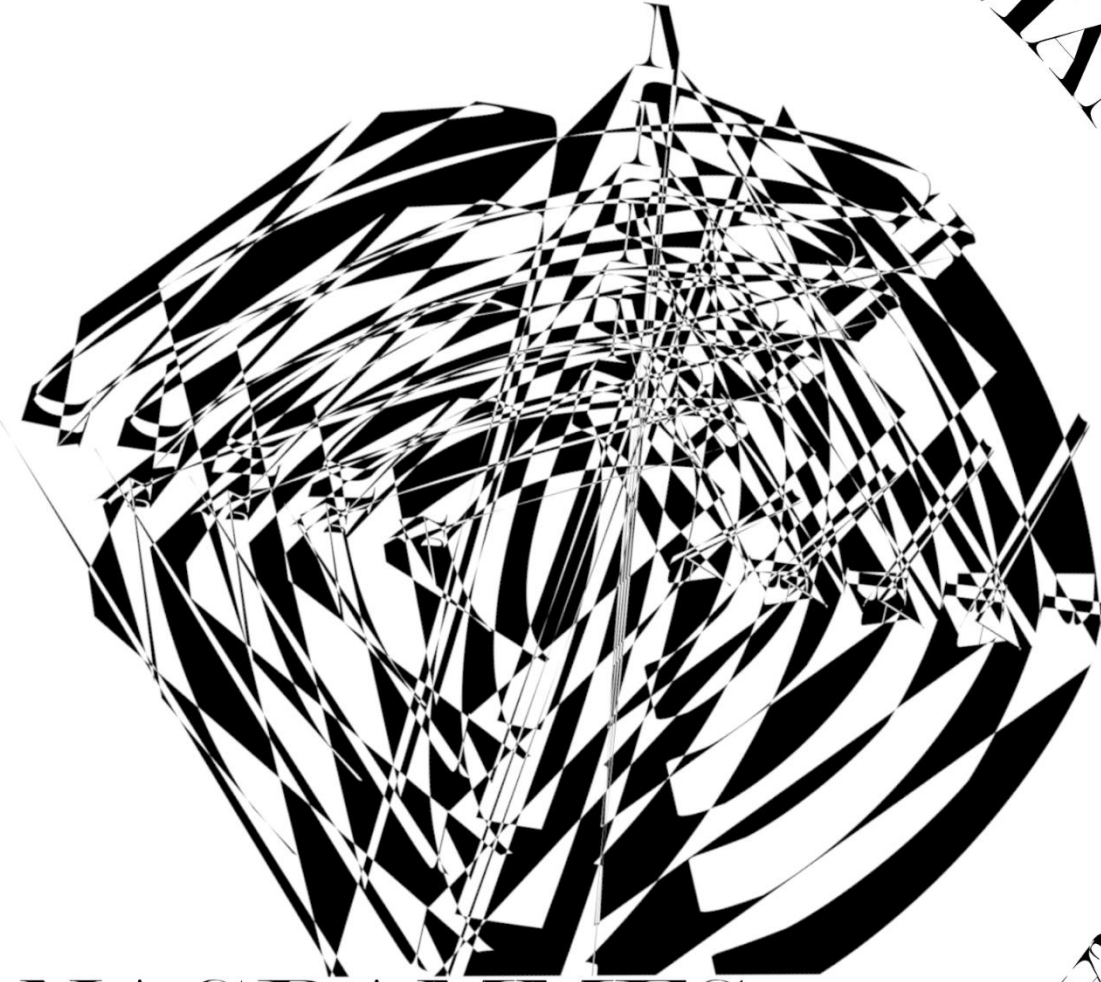
(Haikai composé en fondant le sonnet XIV de Louise Labé)

Rahif Barbosa

292



ANAGRAMMIANZ
AGRAMMIANZ
GRAMMIANZ
RAMMIANZ
AMMIANZ
MMIANZ
MIANZ
IANZ
ANZ
N
A
G
R
A
M
M
I
A
N
Z



ANAGRAMMES
MAMANRAGES
MANGEAMARS
AMAGNAMERS
ANSMAMARGE
MAGNAMERSA

Brenda Barros de Faria

Brinde ao bar de farsa!

Da farsa rio

Sorriso branda

Massives

Estrosi

Radio Vassivière

Visse mais

Sositrer

Vie, Darios! sa vie

Notre-Dame-de-Lorette

Saint-Fargeau

Derreto-te, amo-te, Denel...

Gateau in safar

Brenda Barros



Ingrid Aparecida

Craindrai

Page

di

Masque

Maques

Essais

Assise

Raspail

Parlais

Anvers

Navres

Réséda

Rédeas

Aderes

Nombre patine neuve

Empenneraient

Béa

per

Nombre patine neuve

Menti

Boné

Véu

Perna

Ingrid Aparecida Peixoto de Borba

295



Larissa Scariel

Ariel Cissa Rals

Rodrigues Dias

Deres Gouies

Hongrois

On groison

Mer saine

Sei, e mar?

Louve alézane

Love u, Lézanaea.

Larissa Scariel



Leticia Oliveira

Il aléatoir vicié

Débrouillent

Bredouillent

Créteil-université

Tu île

Eviscèrent

Robespierre

Bèer à poésie

Letícia Oliveira



Lídia

Li
Dia

Tentative

Attentive

Nation

Antoni

Raspail

Parlais

Lídia Kogawa



Patricia Lima

Matrica pilia

Pouls

Loups

Pólus

Pulos

Louve

Voule

Velou

Levou

Vuelo

Neuve

Neveu

Veune

Patrícia Villarinho Lima





Complainte

À une heure d'afflux dans l'S, l'omnibus
roule à pleine vitesse et personne ne descend
Il n'y a pas un seul petit siège ici!
Mais quand une place n'est pas remplie
La foule crie comme l'orgue de Barbarie!

Voici un gars de tête vêtue
et tout turbulent par nature
De chapeau mou ridicule
aussi rond qu'une renoncule
– peut-être pour couvrir la tête déjà chauve –
Il essaye de se faire un visage de fauve,
Préparez-vous car il va crier pour quelque chose!

Et voilà que le godelureau de cou très allongé
Cou de dindon, dindon déplumé
enfle un souffle et soupire pleurnichard
Allez, diable! Arrêtez cette bousculade
Le silence de l'autre lui rend encore plus malade

Voici qu'une place n'est pas remplie
Et le gars s'en va, s'assoit loin de là
La foule crie encore comme l'orgue de Barbarie!

Puis à la gare Saint-Lazare,
On trouve le type par hasard
avec un pote qui fume une clope



et tend la main pour effleurer
l'échancrure du pardessus
C'est mieux de mettre un bouton, n'est-ce pas?

Et voilà que le godelureau de cou très allongé
Hoche la tête et taloche le cou
Cou de dindon, dindon déplumé

Ana Beatriz de Brito



Prévisions

Un jour, dans un autobus, précisément la ligne S, dans une heure dans l'heure de pointe, je trouverai un jeune homme. Il aura vingt-six ans environ. Il portera un chapeau mou avec un cordon qui remplacera le ruban. Il aura un cou trop long, il me fera penser à une girafe. Les gens descendront de l'autobus. Ce jeune homme s'irritera contre un autre. Il lui reprochera de le bousculer à chaque fois que d'autres personnes passeront derrière lui. Il pleurnichera. Il sera méchant. Comme il verra un siège libre, il se précipitera pour s'asseoir.

Un peu plus tard, deux heures après, je le rencontrerai cour de Rome, devant la gare Saint-Lazare. Il sera avec un homme qui devra être son ami. Cet homme lui dira: "Tu mettras un bouton supplémentaire à ton pardessus, ce sera nécessaire." Il lui montrera où - ce sera à l'échancrure - et lui dira pourquoi.

(Version écrite à partir de l'épisode prosaïque "Notations", de Raymond Queneau. J'ai trouvé l'inspiration dans les autres versions qui racontent l'épisode en utilisant les temps verbaux. J'ai utilisé dans ma version des verbes conjugués au Futur Simple).

Bruna Spinola de Oliveira



Lettre d'amour

Bonjour mon homme,

Lorsque je venais te retrouver hier midi, j'étais dans l'S quasiment complet dans un moment qui m'a donné l'impression que tout le monde était là sur le bus sauf toi, mon seul grand amour. Mon regard s'est fixé sur un jeune homme qui portait un chapeau, doux ruban rouge comme mon coeur; une femme pourrait caresser son cou avec ses lèvres sans tourner la tête. Ce garçon, inquiet, se plaignait à son voisin à chaque fois que des gens passaient sur le couloir, ils lui serraient contre la fenêtre. Il était sur le point d'éclater. J'imagine que le garçon voulait conserver sa beauté pour quelqu'un; comme moi quand tu me retrouves dans le Café Paris...

Deux heures plus tard, je l'ai vu avec un copain dans la cour de Rome, tout près de la gare Saint-Lazare. Le copain du garçon l'a pris par le col et a insinué qu'il fallait un bouton sur son manteau... leurs regards se sont croisés. Un pas en arrière, tout deux ont mis les mains dans les poches. L'air est devenu mou.

Je t'aime encore.

Claire Silva de Souza



L'alfabet Morse

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

(Un homme de presque 26 ans avec un chapeau mou avec un cordon, le cou très long, vu sur la ligne de bus S à l'heure de pointe, à un moment de grand afflux de véhicules. À chaque fois qu'un passager s'en va, cet homme se plaint au passager qui le croise à chaque fois. Avec un ton pleurnichard, il aperçoit une place vide et s'y précipite. Deux heures plus tard, il se retrouve dans la cour en face de Saint-Lazare. Il est avec un camarade qui lui dit qu'il devrait ajouter un bouton à sa veste, il lui dit où et pourquoi.)



tressé. Ce n'était ni une procession, ni une bagarre, mais une bousculade. Ce n'était ni un aimable, ni un méchant, mais un rageur. Ce n'était ni une vérité, ni un mensonge, mais un prétexte. Ce n'était ni un debout, ni un gisant, mais un voulant-être assis. Ce n'était ni la veille, ni le lendemain, mais le jour même. Ce n'était ni la gare du nord, ni la gare du p.-l.- m. mais la gare Saint-Lazare. ce n'était ni un parent, ni un inconnu, mais un ami. Ce n'était ni une injure, ni une moquerie, mais un conseil vestimentaire.)

Emoji



(Notations : Dans l'S, à une heure d'affluence. Un type dans les vingt-six ans, chapeau mou avec cordon remplaçant le ruban, cou trop long comme si on lui avait tiré dessus. Les gens descendent. Le type en question s'irrite contre un voisin. Il lui reproche de le bousculer chaque fois qu'il passe quelqu'un. Ton pleurnichard qui se veut méchant. Comme il voit une place libre, se précipite dessus. Deux heures plus tard, je le rencontre cour de Rome, devant la gare Saint-Lazare. Il est avec un camarade qui lui dit: "Tu devrais faire mettre un bouton supplémentaire à ton pardessus." Il lui montre où (à l'échancrure) et pourquoi.)

Ghustavo Muniz



Alfabeto Grego

Αο μείο δια, πηγυει ο ονιβυς ς μυιτο λοταδο.

No ονιβυς, Ηανια υμ ςυγειτο δε πεςκοσο μυιτο λοηγο, χοραμηγαηδο πορκε ςευ νιζιηΗο ο ηηκοςτανα κυανδο ο οηιβυς βαλανςανα. Παρεςςια ναλεητε, μας ηα ρεαλ ερα υμ κοναρδε, ποις αςςιμ κε υμ λυγαρ ναγου, ο ςυγειτο ςε πρεςςιπιτου, αο εμ νεζ δε δειχα-λο παρα υμα ςηΗορα.

Μαις ταρδε, ηηκοητρο ο μεςμο πεςκοςςθδο ηα εςταςςαο ςαο Λάζαρο. Εςτανα κομ υμ αμιγο, κε λΗε διζ παρα κολοκαρ μας υμ βοτᾶο ηο ςοβρετυδο.

Exatamente o que está escrito acima

Ao meio-dia, peguei o ônibus S muito lotado.

No ônibus, havia um sujeito de pescoço muito longo, choramingando porque seu vizinho encostava nele quando o ônibus balançava. Parecia valente, mas na real era um covarde porque assim que um lugar vagou, o sujeito se precipitou, ao invés de deixá-lo para uma senhora.

Mais tarde, encontro o mesmo pescoçudo na estação São Lázaro. Estava com um amigo, que lhe diz para colocar mais um botão no sobretudo.



Gourmand

C'est l'heure du déjeuner, je monte dans un bus affamé d'humains pressés. Un garçon avec peu de nourriture sur son corps et surtout sur son cou, comme si quelqu'un lui avait tout pris par le cou dans l'estomac. Il avait un peu faim, il boudait, peut-être que quelqu'un lui avait enlevé toute la nourriture de l'estomac, vraiment. Mais c'était en fait à cause de l'un des aliments du bus, qui se heurtait aux affamés à chaque fois que le bus digérait. Lors de l'une des évacuations du bus, un espace est apparu et l'homme affamé a rapidement mangé.

Plus tard, presque au moment du goûter de l'après-midi, j'ai arrêté l'homme affamé à la gare de São Lázaro, avec un ami qui mangeait de la mode en dîner. Le mangeur de style, proposa à son ami déjà mort de faim, de mettre un autre bouton sur son pardessus qui couvrait sa maigreur.

Letícia de Oliveira



La disparition

Dans l'S, dans le trafic. Un gars dans les vingt-six ans debout. Il avait un truc mou dans le haut du corps avec un cordon. Un, trois, six, huit individus disparaissent du bus. Il était de mauvaise humeur en raison d'un individu qui était à côté de lui, debout lui aussi. Il agace tous ceux qui sont ici, j'ai dit à moi-même. Il se plaignait comme un méchant. Il a vu une place vide et enfin il a fini avec sa mauvaise humeur.

Plus tard, j'ai vu un duo, dans une cour, en face de la station. "Tu coudras un bouton de plus à ton habit plus tard. D'accord?" Sont-ils un coupl...?

Mercúrio Barali



Notations

Dans l'S, à une heure d'affluence. Un type dans les vingt-six ans, chapeau mou avec cordon remplaçant le ruban, cou trop long comme si on lui avait tiré dessus. Les gens descendent. Le type en question s'irrite contre un voisin. Il lui reproche de le bousculer chaque fois qu'il passe quelqu'un. Ton pleurnichard qui se veut méchant. Comme il voit une place libre, se précipite dessus.

Deux heures plus tard, je le rencontre cour de Rome, devant la gare Saint-Lazare. Il est avec un camarade qui lui dit : "Tu devrais faire mettre un bouton supplémentaire à ton pardessus." il lui montre où (à l'échancrure) et pourquoi.

Minimaliste

Dans l'S, un jeune type. Chapeau mou, long son cou. Pleurnichard.

Après, à la gare, le type encore. Avec un ami, un avis: faire mettre un bouton.

Cria da ZL

Parça, eu tava no busão, horário de pico, tá ligado? Geral espremido igual sardinha, mas suave, nada muda. Aí, mano, tinha um maluco, cê tinha que ver, o cara tava usando uma bombeta chave, braba demais, e o bichão era mó pescoçudo, mano, cê é louco, imagina a figura. O pior, mano, o Zé Pescoço ficava tretando com o maluco do lado, pique botando banca, tá ligado, mas tu sentia na voz do mané que ele era mó perreco, só metendo o treze. Mas suave, fiquei na minha só, uma galera desceu no ponto e o pé de barro se encostava em tudo que era lugar vago... Comédia demais.

Aí duas horas depois, liguei o mesmo bunda rachada lá na Sé, na entrada da estação, tá ligado? Tava lá com um aliado dele, os dois trocando uma ideia e pá. Esse parceiro dele, jeitão de mala, meio boyzão, tava dando uma ideia sobre o jaco do zé ruela, uns papo que faltava um botão... Sei lá, eu, que não sou Zé Povinho, segui minha caminhada, morou?

311



Numérique

Dans un bus, un type, vingt-six ans, un chapeau et un cou qui supporte une tête. Une dispute avec un voisin. Une place libre, il est là. Deux heures plus tard, devant une gare, avec un camarade. Un pardessus, un bouton manqué. Une place, une raison.

À la Carlos (o gauche)

No bonde itabirano cheio de pernas, à hora em que o sino toca. Nesse movimento que procura ordem, vejo um rapaz de vinte anos, talvez Raimundo (aquele que amava Maria?), chapéu-coco e pescoço comprido. Descem pessoas transportadas, desaparecem. O moço discute com outro passageiro, num tom enjoado de quem já viu abrir a máquina do mundo. Se vir um lugar livre, ele se precipitará, tal como a flor que fura o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. Já se desfolha a última rosa.

No meio do caminho, eu, minhas duas mãos e o sentimento do mundo, reencontramos esse rapaz, em frente à estação da estrada de ferro. Um camarada o acompanha e, com ares de quem dita necessidades, diz “É preciso, Fulano, costurar um botão à essa sua blusa de aviador”. E agora, José?

Paloma Luiza



Versão infantil

No ônibus S, na hora em que todos os adultos pegam ônibus e vão trabalhar, sentada no colo da mamãe, vejo um homem com pescoço de girafa e uma cartola imensa na cabeça. Sua cara não é nada legal, parece o lobo mau com sua boca e olhos grandes. As pessoas entram e saem do ônibus, a cara feia do homem espanta toda gente. As pessoas esbarram nele - deve ser para dizer um bom dia -, ele detesta ser incomodado. Ele resmunga muito. Descubro que ele é ligeiro também. Sentou-se na poltrona do lado assim que esvaziou - a vovozinha nem teve chance.

Duas horas depois, encontro com ele no parque que fica em frente ao meu colégio. Agora, ele está acompanhado de outro homem, também ele com o pescoço de girafa e uma cartola imensa na cabeça. Um fala para o outro apontando sua roupa: - Devia colocar uma casa a mais na sua capa. - Por quê?

Version pour enfants

Dans le bus S, au moment où tous les adultes prennent le bus et vont au travail, assise sur les genoux de maman, je vois un homme avec un cou de girafe et un énorme chapeau sur la tête. Son visage n'est pas cool du tout, il ressemble au grand méchant loup avec sa bouche et ses grands yeux. Les gens montent et descendent du bus, le visage hideux du loup étonne tout le monde. Les gens le bousculent comme pour dire bonjour, mais il déteste être dérangé. Il marmonne beaucoup. Je trouve qu'il est aussi rapide. Il s'est vite assis dans le fauteuil à côté de lui dès que la place a été libre - la petite mémère n'a même pas eu l'occasion de s'y asseoir.

Deux heures plus tard, je le retrouve dans le parc en face de mon école. Il est maintenant accompagné d'un autre homme au cou de girafe et au chapeau énorme sur la tête également. L'un parle à l'autre en lui pointant son vêtement: - Tu devrais mettre une boutonnière supplémentaire sur ta cape. - Pourquoi?



Patrícia Villarinho Lima

Sinopse

Acompanhe a vida de um homem que ao pegar seu ônibus, se vê intrigado com um jovem grotesco, enfeitado com um chapéu e um pescoço comprido, que se irrita e choraminga ao achar que está sendo espremido por alguém que está desesperado por um lugar vago. O que esse homem não imagina é que essa figura estranha se fará presente novamente na sua vida, em um momento aparentemente banal de uma estação de metrô, enquanto o jovem conversa com outro sujeito misterioso sobre um botão de seu sobretudo. Uma trama inesquecível, que trará consequências marcantes para o protagonista.

Synopsis

Vous assisterez à la vie d'un homme qui, au moment de prendre le bus, se voit intrigué en raison d'un jeune grotesque, agrémenté avec un chapeau et un cou trop long, qui s'irrite et pleurniche en pensant que quelqu'un est en train de le presser, désespéré par une place vide. Ce que cet homme n' imagine pas est que cette figure bizarre se fera présente à nouveau dans sa vie, dans un moment apparemment banal dans une station de métro, quand le jeune discute avec autre gars mystérieux concernant un bouton de son pardessus. Une intrigue inoubliable, qui aura des conséquences très marquantes pour le protagoniste.

Rahif Barbosa



Programa Sensacionalista

Vejam só meu povo! Um vagabundo, repito, um vagabundo! O indivíduo deve ter por volta de 26 anos... esses jovens sem um pingão de respeito pelos outros! Bem na hora de pico! Nessa cidade já não tem ônibus que preste. Pega esse ônibus S bem na hora de pico e esse ser humano, Com um chapéu mais mole que ele, pescoço comprido de quem não tem o que fazer, fica reclamando feito um condenado. Tinha que ser condenado mesmo! Condenado! Ao invés de trabalhar fica atrapalhando os trabalhadores na sua volta do trabalho!

Fica chorando feito bebê, reclamando de qualquer encostada! Por que não pega táxi meu filho?

Ainda acaba encontrando com nosso telespectador, que não quer ser identificado, 2 horas depois no Paço de Roma, em frente a estação São Lázaro. E vejam só, vejam só nas imagens: Repara no botão do sobretudo... mas é brincadeira! E fica falando pra colocar um botão no decote. Assim não dá! Esse vagabundo merece prisão perpétua!

Programme sensationnaliste

Regardez, mon peuple! Un clochard, je répète, un clochard! L'individu doit avoir environ 26 ans... ces jeunes hommes sans une once de respect pour les autres! En plein dans l'heure de pointe! Dans cette ville, il n'y a plus de bon bus. Prenez ce bus S en pleine heure de pointe et cet être humain, avec un chapeau plus doux que lui, long cou de ceux qui n'ont rien à faire, se plaint comme un condamné. Il fallait vraiment qu'il soit un condamné! Condamné! Au lieu de travailler, il continue à gêner les travailleurs qui rentrent du travail!

Vous pleurez comme un bébé, vous vous plaignez que quelqu'un s'est arrêté! Pourquoi ne pas prendre un taxi, mon fils!

Il finit par rencontrer notre téléspectateur, qui ne veut pas être identifié, deux heures plus tard dans le Palais de Rome, devant la gare Saint Lazare. Et regardez les photos: regardez le bouton du pardessus... mais c'est une blague! Et il ne cesse de me dire de mettre un bouton sur l'encolure. Ce n'est pas bon! Ce clochard mérite la prison à vie!

Renata Rabelo
315



manier; les cheveux bouclés et
arbre et moi dans un entrelacs nos ag
elles entre les messes lorsque le si
s et les pages tremblent sous les larmes des penit
la statue de la Vierge chaque matin mais je ne pin
es de l'existence. J'imagine des vies jamais connues au
es et de cerises au mois de juin, des nuits douce
des moments fondants aux noix tendresses toute
notamment la femme qui a pris la relève pour m
réflexe de préservation minimale, tout comme les boca
elle collectionna jusqu'à sa mort. J'ai survécu
pour m'éviter une malnutrition fatale, juste assez
pa à tomber aux dysenteries, aux typhoïdes et autres salop
de autour de nous. Juste assez de souffle pour ne pas m
s sous terre.

ÉVELYNE TROUILLOT

ventre d'où je suis sortie. Pourtant, de mon enfance &
suis laissé entraîner par un insolite besoin de douceur, la
par la main et par le cœur par une mère aimante par-delà la

À l'ombre de l'amandier

La seule prière que j'ai pu
des tréfonds de la faim, lorsque l'envie de vivre s
bouchée et le contact rudimentaire de la nourriture
tes, après une période de grande disette. Pourquoi ne
chercher et m'emmener avec toi, mère pos thume, prisonnière
niche ? Mon nom importe peu. Il porte l'empreinte de ma
pour des quatre saisons. Les branches de l'aman dier ont
ou vermeille, texture veloutée ou granulée, vitess
irremédiablement à rencontrer brutalement le sol
bras qui s'avance, bat en retraite ou persiste
de parler correctement. Du
en vie. Seule qualité a
de te sou lée e
naître san
énérosité e
subcil
ns de
J'ai v
les e
épat
coule
vencé
le cel

Je fais fondre le temps dans ma peau.
J'ai inventé un immense silence dans quel je me laisse aller à la démente.

Letícia de Oliveira



S'asseoir près de l'amandier était une chose qui l'aidait à conserver une certaine santé mentale au milieu de son état de démence.

Sentar-se ao lado da amendoeira foi a única coisa que a ajudou a manter alguma sanidade em meio ao seu estado de demência.

J'ai étudié l'histoire parce que je pense qu'il est important de mieux me connaître et de comprendre mon rôle dans le monde.

Eu estudei história pois acho que é importante para me conhecer melhor e entender minha função no mundo.

A felicidade ingênua das crianças na época de Natal é algo que me emociona. Le bonheur naïf des enfants à Noël est quelque chose qui m'émeut.

A habilidade de mentir não é algo de que alguém deve se orgulhar.

L'habileté pour le mensonge n'est pas quelque chose dont on devrait être fier.

É fácil, sem mistério: $2 + 2 = 4$. Com o tempo, você pega o jeito!

C'est facile, pas de mystère: $2 + 2 = 4$. Au fil du temps, vous comprendrez bien!

Melissa Buzzatto





TROPISME

Micronarrativa

Il y avait deux garçons qui jouaient au football. L'un semblait porter le nom de Caio et l'autre semblait porter le nom de Tom, je les ai nommés ainsi parce qu'ils semblaient avoir des noms avec peu de syllabes. Ils étaient pieds nus et la balle qu'ils frappaient était flétrie. Ils avaient accroché leurs t-shirts sur la poutre rouillée du champ dont le sol n'était pas pavé. Ils avaient environ huit ou dix ans. Ils étaient très minces mais très forts, je me suis rendue compte lorsqu'ils ont décidé de ramasser deux mangues suspendues au sommet d'un arbre qui ombrageait le champ où ils jouaient. Puis je les ai vu rire l'un de l'autre.

J'ai entendu un bruit et j'ai détourné le regard. Quand je les ai regardés à nouveau, ils avaient déjà arrêté de jouer. Ce n'était pas des vacances, mais ce n'était pas une journée ensoleillée, ils étaient quand même excités, souriants et un peu compétitifs. Caio fronçait toujours les sourcils, je ne sais pas si c'était par suspicion ou par attention quand le ballon venait vers lui, alors que Tom contractait toujours ses lèvres, comme s'il faisait un gros effort. Ils semblaient être de bons garçons et, peut-être, des garçons plus intelligents que moi. C'était le genre de gamin qui ne pouvait pas se tromper, ils n'étaient pas naïfs.

Après quelques secondes, il a commencé à pleuvoir. Ils savaient? Je pense que oui.

Debora Elize Kogawa



Eles foram se instalar nas ruazinhas agitadas em frente ao terminal, do lado da Estr. Juscelino Kubtschek de Oliveira, em apartamentos que davam para vielas escuras, mas que eram muito decentes e confortáveis.

Ali, ofereciam aquilo a eles, aquilo, e a liberdade de fazer o que bem entendessem, andar como bem quisessem, vestir-se com qualquer tipo de trapo, fazer qualquer cara, pelas ruazinhas barulhentas.

Ali, não exigiam deles nenhum comportamento específico, nenhuma atividade em comum com outras pessoas, nenhum desafeto, nenhuma lembrança mal-intencionada. Ofereciam a eles uma existência ao mesmo tempo despojada e protegida, uma existência semelhante a uma biblioteca deserta de subúrbio, uma enorme sala vazia, amarelada e cheia de livros, com uma estante cinza no centro e poltronas estofadas colocadas junto às paredes.

E eles estavam contentes ali, felizes, sentiam-se totalmente em casa, lidavam bem com o proprietário, a vendedora de ovos, compravam comida no mercado mais cuidadoso e barato do bairro.

Eles não costumavam se lembrar do sítio onde moravam antigamente, tampouco tentavam resgatar a cor e o cheiro da cidadezinha onde se apaixonaram, não sentiam aflorar, quando andavam pelas ruas do bairro, quando olhavam os produtos das lojas, quando passavam em frente a venda de ovos, comprando-os e cumprimentando a vendedora, muito educados e esfomeados, enfim, nunca viam aflorar na memória um pedaço de parede de tijolos grandes, ou as pedras de um quintal, intenso e triste, ou as ladeiras imensas de um bairro no alto de um vale, onde haviam caminhado em seus primeiros anos de amor.

Letícia de Oliveira



Dans une impasse, sur un chemin de terre étroit, un immeuble ancien, mais assez neuf, s'élève parmi les arbres.

A côté de lui, au bord d'une rivière paresseuse, deux enfants parlent sérieusement de quelque chose d'inutile. Le plus grand jette une pierre dans les eaux troubles et complète son acte avec une explication dénuée de sens.

À proximité, un groupe de filles discute doucement. L'une d'elles montre avec son doigt quelque chose sur sa robe, que les autres regardent d'un air curieux.

Il n'y a aucun signe de vent, la journée est chaude, les fenêtres sont silencieuses, les oiseaux chantent parmi le son des cigales.

Lucas Soares Araujo



Na cidadezinha de Cachoeira Paulista, interior de São Paulo, fica a casa da Dona Carol. Às dez da manhã, os feixes de luz do sol quente passam pelos espaços do gradeado branco do portão. E lá está ela, aproveitando o solzinho da manhã num domingo calmo... Ela senta na cadeira de maneira desajeitada, pois está bem gordinha e ela quase não cabe mais naquele assento. Levanta as mãos para o alto porque diz que tomar sol entre os dedos faz bem para as dores que ela sente, e puxa a blusa para cima deixando parte da barriga branca desnuda, pois, o objetivo é aproveitar cada segundinho de exposição. E respira fundo pensando na vida. Ela já está chegando aos 91 anos de idade.

Às vezes, ela afunda o rosto nas mãos e fica cabisbaixa por alguns longos segundos. Daí ela escuta que o programa de perguntas e respostas que ela adora já está pra começar. Em seu rosto, agora está um semblante neutro, calmo... Ela senta em sua poltrona, e passa horas dando risada. Ela boceja, pois tomar sol a deixa cansada. Se ajeita no assento e relaxa, pois sabe que daqui a pouco já é hora de mais um cochilo.

La maison de Dona Carol est située dans la petite ville de Cachoeira Paulista, dans l'intérieur de l'État de São Paulo.

A dix heures du matin, les rayons du soleil chaud passent à travers la rambarde blanche de la porte. Et la voilà qui profite du soleil du matin un dimanche tranquille... Elle s'assoit sur la chaise de manière maladroite parce qu'elle est très potelée et elle ne tient presque plus dans ce siège. Elle lève les mains vers le haut parce qu'elle dit que prendre un bain de soleil entre ses doigts est bon pour la douleur qu'elle ressent, et tire sa blouse vers le haut en laissant une partie de son ventre blanc à nu, parce que le but est de profiter de chaque seconde d'exposition.

Et elle prend une grande respiration en pensant à la vie. Elle a déjà 91 ans. Parfois, elle s'enfonce le visage dans ses mains et se met à terre pendant quelques longues secondes.

Elle apprend ensuite que le programme de questions-réponses qu'elle aime est sur le point de démarrer.

Melissa Buzzatto



I.

Fim de tarde, a porta se abre, muita gente entra, algumas poucas saem. Calor intenso que pesa ainda mais em corpos já cansados. A cada parada, a voz eletrônica feminina anuncia inexoravelmente os nomes das estações. A última ainda está longe, os vagões cheios e o trem vai lento.

Um homem em trajes sociais tem o paletó pendurado no braço que ergue o celular. Uma senhora, sentada no banco reservado, vigia suas sacolas pousadas no chão. Duas mulheres com uniformes de loja idênticos conversam e riem. A porta abre e fecha. Quem entra ocupa o lugar de quem sai. Nesse horário não há bancos vagos. O suor se destaca nos rostos, nas roupas coladas, na vontade de descer. Muitos fones de ouvido acompanham olhares que não necessariamente vêm. Outra estação. Um vendedor ocasional anuncia a promoção imperdível de Suflair: no mercado é 5, aqui é 3. Palavras suplicantes de uma criança para sua mãe. Silêncio em resposta.

Parada final, suspiro coletivo.

II.

Já é rotina a reunião dos quatro senhores naquele bar.

Toda tarde, religiosamente, eles se juntam numa mesa do lado de fora e jogam infinitas partidas de dominó, truco, cacheta e tranca, diversidade que é o segredo do entretenimento. Independente do jogo, as duplas sempre são as mesmas: o homem de bigode grisalho faz par com o homem barbudo com boné de vereador e o velho corpulento, um tipo bonachão, só joga com outro velho quieto, de óculos quadrados e olhos pescadores.

Muitos outros se reúnem ali, para jogar e beber. É um ponto famoso da região, mas os quatro são regulares, figuras constantes, pintados no quadro daquele bar em frente à avenida. Cerrados numa espécie de universo particular, discutem as notícias do dia, contam e recontam causos antigos, cuja veracidade factual não importa, reclamam do país, do governo, da juventude, do time de futebol que perdeu ontem para o rival. Escutam música e, conforme



bebem, até se arriscam a cantar de vez em quando. Naquela mesa de ferro enferrujado, pintada de vermelho e com o logotipo da Brahma, esses quatro senhores compartilham anedotas, falam sobre suas famílias, fofocam sobre a vida alheia e vão passando dia após dia, com seus baralhos e suas peças de dominó branco.

Imperturbáveis, vivos, satisfeitos.

I.

C'est le soir, la porte s'ouvre, beaucoup de gens entrent, quelque peu sortent. Chaleur intense qui pèse encore plus dans ce corps déjà fatigué. À chaque arrêt, une voix électronique féminine inexorablement annonce les noms des stations. La dernière est encore loin, les wagons pleins et le train avance lentement.

Un homme en tenue sociale a son costume suspendu dans le bras qui a son portable. Une vieille, assise dans un siège préférentiel, veille ses sacs posés sur le sol. Deux femmes avec les mêmes uniformes de boutique parlent et rigolent. La porte s'ouvre et se ferme. Ceux qui entrent occupent la place de ceux qui sortent. À cette heure-là il n'y a pas de sièges libres. La sueur se démarque sur les visages, sur les vêtements collés, sur la volonté de descendre. Beaucoup d'écouteurs accompagnent des regards qui voient pas toujours. Autre station. Un vendeur occasionnel annonce une super promotion de Suflair: dans le marché, c'est 5, ici c'est 3. Les mots suppliant d'un enfant à sa mère. Silence comme réponse.

Le dernier arrêt, soupir collectif.

Paloma Luiza



Micronarrativa

Madalena se sentava na mesa do bar. Olhava para tudo e ao mesmo tempo não via nada. Estava lá, como quem fica de corpo presente, mas de alma vazia. Entre um gole e outro de cerveja lhe vinham alguns pensamentos. Nada muito elaborado. Parecia que aquilo que fazia, um simples momento de descanso era algo automático e sem sentido. Não sentia gosto, não sentia dor, não sentia nada. Dali, pensou, e, finalmente pensou, que aquilo tudo não era verdadeiro. De tentar encontrar as verdades numa mesa de bar ou em qualquer outro lugar, seja ele qual for, percebeu que até seu ato de pensar se tornou automático. Uma vida automática em um "looping" infinito onde nada faz sentido. De tanto fazer planos os planos desapareceram. De tanto querer aventuras, elas não aconteciam. E assim, como todo dia, saía do bar e ia para casa pelo mesmo caminho, para no dia seguinte sentar na mesa do bar, olhar para tudo e não ver nada.

Madalena s'est assise à la table du bar. Elle a tout regardé et en même temps n'a rien vu. Elle était là, comme si elle était présente dans le corps, mais vide dans l'âme. Entre une gorgée et autre de bière quelques pensées lui sont venues. Rien de trop élaboré. Il lui semblait que ce qu'elle faisait, un simple moment de repos, était quelque chose d'automatique et d'insignifiant. Elle n'a ressenti aucun goût, aucune douleur, rien. Dès lors, elle a pensé, et finalement elle a pensé que tout cela n'était pas vrai. En essayant de trouver la vérité à une table de bar ou ailleurs, quelle qu'elle soit, elle s'est rendue compte que même son acte de penser était devenu automatique. Une vie automatique dans une "looping" infini où rien n'a de sens. Après avoir fait tant de plans, les plans ont disparu. À force de vouloir tant d'aventures, elles n'ont pas eu lieu. Et donc, comme tous les jours, elle quittait le bar et rentrait chez elle de la même manière, pour s'asseoir à la table du bar le lendemain, regarder tout et ne rien voir.

Renata Rabelo de Castro

326



ΘΙΗΗΘ ΓΟΙΠΟΔΟ

Μ Μ Χ Χ Ι . Ι

Η Ο Λ Γ Ο Η Ε Λ

Θ Π Ο Η Ω Ε

* * *

* *

*

